

**UFRRJ**  
**INSTITUTO DE AGRONOMIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**  
**AGRÍCOLA**

**DISSERTAÇÃO**

**A DIVERSIDADE LINGUÍSTICA NO CONTEXTO ESCOLAR DO**  
**IFAM-TBT: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO**

**IARA VANESSA MAFRA BICHARA**

**2016**



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO - UFRRJ**  
**INSTITUTO DE AGRONOMIA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA**

**A DIVERSIDADE LINGUÍSTICA NO CONTEXTO ESCOLAR DO**  
**IFAM-TBT: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO**

**IARA VANESSA MAFRA BICHARA**

*Sob Orientação da Professora*

**Dra. Rosa Cristina Monteiro**

*e Co-orientação do Professor*

**Dr. Nilton Paulo Ponciano**

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Ciências** no Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola, Área de Concentração em Educação Agrícola.

**Seropédica - RJ**  
**Dezembro de 2016**

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

B583d BICHARA , IARA VANESSA MAFRA , 1989-  
A DIVERSIDADE LINGUÍSTICA NO CONTEXTO ESCOLAR DO  
IFAM-TBT: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO / IARA VANESSA MAFRA  
BICHARA . - 2016.  
50 f.: il.

Orientadora: Rosa Cristina Monteiro.  
Coorientador: Nilton Paulo Ponciano.  
Dissertação(Mestrado). -- Universidade Federal  
Rural do Rio de Janeiro, PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
EDUCAÇÃO AGRÍCOLA, 2016.

1. fronteira. 2. diversidade linguística. 3.  
preconceito linguístico e multiculturalidade. I.  
Monteiro, Rosa Cristina , 1955-, orient. II.  
Ponciano, Nilton Paulo , 1967-, coorient. III  
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA. IV.  
Título.

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE AGRONOMIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA**

**IARA VANESSA MAFRA BICHARA**

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Ciências**, no Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola, Área de Concentração em Educação Agrícola.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 19/12/2016.

---

Rosa Cristina Monteiro, Profa. Dra. UFRRJ

---

Ana Claudia Ribeiro de Souza, Profa. Dra. IFAM

---

Nilton Paulo Ponciano, Prof. Dr. IFAM

## DEDICATÓRIA

*Àqueles que nunca deixaram de acreditar em mim, inclusive em momentos em que eu mesma duvidei. Minha família. Em especial, a você mãe, meu exemplo como mulher e educadora.*

## AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente a Deus, por me conceder o dom da vida e me permitir realizar sonhos.

Ao PPGEA e ao IFAM, por possibilitarem nossa capacitação.

A minha amada orientadora professora Rosa Cristina Monteiro, primeiro por ter me escolhido, pela caminhada, paciência, ensinamentos e acima de tudo pela generosidade. Descobri que uma das maiores virtudes que se pode ter é a generosidade, nunca esquecerei desses dois anos e de todas as experiências compartilhadas. Obrigada professora, pelo privilégio de aprender com a Sra., e por acreditar em mim.

Aos colegas de mestrado e orientação e, amigos da vida inteira Eliel e Wankmar. Eliel te devo presentes até a décima geração e gratidão pela sua amizade por toda minha vida, obrigada por sempre me ajudar e atender meus pedidos de socorro, salvaste minha vida e dissertação, só você para formatar meus trabalhos com tanto cuidado e carinho. Wankmar, obrigada por me brindar um pouquinho da sua riqueza de conhecimentos me ajudando com aquelas tabelas e dados nem sempre solicitados em tempo hábil. Agradeço também a todos os colegas de mestrado pela parceria, foi muito bom conviver com vocês.

A minha família por me dar o alicerce e força pra estar concluindo esta caminhada, por me mostrar os valores que carrego. É muito bom ser professora de pai e mãe. Mãe a Sra. é a melhor professora que existe, tenho muito orgulho disso, obrigada por me escolher, mesmo quando significou abrir mão dos seus sonhos. Zé, por ser o pai que me escolheu e por formar com minha mãe a família que somos hoje, muito obrigada. Meus irmãos Gustavo, Gabriel e Nicolás, somos tão diferentes e tão iguais, amo vocês de todo coração, Biel teu notebook me salvou, obrigada. Pai, obrigada por me mostrar e não deixar esquecer que não importa de onde você venha, determinação e garra te fazem chegar onde você quiser, nós somos o que queremos e lutamos pra ser. Meus avós, muito obrigada por serem meus professores de vida, vó Maria e vó Júlia pelo amor, zelo e incondicionalidade, vô Paulo e vô Dadá (Edmar – *in memoriam*) que me ensinaram que na vida devemos priorizar a família, o caráter e o trabalho.

Ao meu esposo Rodrigo Souza, agradeço pela paciência, pelo amor, pelas fotos tão necessárias para composição deste trabalho, por você existir na minha vida. Te amo.

A todos que direta e indiretamente me auxiliaram a chegar até aqui, meu muito obrigado.

## EPÍGRAFE

*“La vida no és lo que uno vivió, sino la que uno recuerda, y cómo recuerda para contarla.” Gabriel García Márquez*

## RESUMO

BICHARA, Iara Vanessa Mafra . **A Diversidade Linguística No Contexto Escolar Do IFAM-TBT: Um Estudo Exploratório**. 2016. 50p. Dissertação (Mestrado em Educação Agrícola). Instituto de Agronomia, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 2016.

Sucessivos encontros pedagógicos realizados no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas – *Campus* Tabatinga, realçaram a dificuldade dos professores em lidar com a diversidade linguística presente no IFAM – CTB. Tais dificuldades foram muitas vezes relacionadas à aprendizagem dos alunos em sala de aula e, conseqüentemente, ao fraco rendimento dos alunos. Dentro desse contexto situamos a presente pesquisa, que teve por objetivo conhecer a diversidade linguística e cultural presentes no IFAM – *Campus* Tabatinga, definir como se dão as interações entre esses sujeitos, e identificar a possível existência de preconceito linguístico. Os objetivos específicos da pesquisa buscam respostas para as seguintes perguntas: O fato de alguns discentes possuírem mais de uma Língua implica em dificuldades ou prejuízos para a sua aprendizagem? Como os discentes constituem sua identidade? Ocorre preconceito linguístico no ambiente escolar? O instituto utiliza alguma metodologia específica voltada às diferenças sociolinguísticas e culturais dos alunos? Para responder as perguntas mencionadas realizamos uma pesquisa qualitativa, pois buscamos refletir sobre a diversidade de grupos linguísticos e sociais encontrados no IFAM – *Campus* Tabatinga. Esta reflexão é feita através do olhar do discente, suas perspectivas e impressões acerca do meio em que vive.

**Palavras-chave:** fronteira, diversidade linguística, preconceito linguístico e multiculturalidade.



## RESUMÉN

BICHARA, Iara Vanessa Mafra. **La Diversidad Lingüística en el contexto escolar del IFAM-TBT: un estudio exploratorio.** 2016. 50f. Disertación (Maestría en Educación Agrícola). Instituto de Agronomía, Universidad Federal Rural de Río de Janeiro, Seropédica, RJ. 2016.

Después de encuentros pedagógicos realizados en el Instituto Federal de Educación, Ciencia y Tecnología del Amazonas – Campus Tabatinga, destacaron la dificultad de los profesores en lidiar con la diversidad lingüística presente en el IFAM – Campus Tabatinga, aparentemente esa diversidad impacta negativamente en el aprendizaje y, consecuentemente, en lo rendimiento de los alumnos. Dentro de ese contexto, situamos la presente investigación, pues visamos inicialmente la verificación de esas informaciones que circulan en los medios pedagógicos. A partir de ese panorama que se realizó el presente estudio, objetivando de forma general conocer la diversidad lingüística y cultural presentes en el IFAM – Campus Tabatinga, como ocurren las interacciones entre esos individuos, buscando identificar si ocurre la existencia de preconcepción lingüística y los posibles prejuicios al aprendizaje. Los objetivos específicos de esa investigación buscan respuestas para las siguientes preguntas: ¿El hecho de algunos discentes poseer más de una Lengua implica en dificultades o prejuicios para su aprendizaje? ¿Cómo los discentes constituyen su identidad? ¿Ocurre preconcepción lingüística en el ambiente escolar? ¿El instituto utiliza alguna metodología empleada volteada a las diferencias sociolingüísticas y culturales de los alumnos? Para responder a las preguntas mencionadas realizamos una pesquisa cualitativa, pues buscamos hacer una reflexión sobre la diversidad de grupos lingüísticos y sociales encontrados en el IFAM – Campus Tabatinga. Esta reflexión es hecha a través del punto de vista del discente, sus perspectivas y impresiones acerca del medio en que vive.

**Palabras–llave:** frontera, diversidad lingüística, preconcepción lingüística y multiculturalidad.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1.</b> Cidades gêmeas e suas divisas. ....	3
<b>Figura 2.</b> Tríplice fronteira Brasil-Colômbia-Peru .....	4
<b>Figura 3.</b> Forte São Francisco Xavier de Tabatinga .....	5
<b>Figura 4.</b> Escombros do Forte São Francisco Xavier de Tabatinga.....	5
<b>Figura 5.</b> Quartel do CFSOL/8ºBIS e canhão do forte São Francisco Xavier de Tabatinga .....	5
<b>Figura 6.</b> Fachada do parque Zoobotânico do CFSOL/ 8º BIS .....	6
<b>Figura 7.</b> Cerâmicas originais do Forte São Francisco Xavier de Tabatinga. ....	6
<b>Figura 8.</b> Utensílios do Forte São Francisco Xavier de Tabatinga .....	6
<b>Figura 9.</b> Placa de identificação do canhão oriundo do Forte .....	7
<b>Figura 10.</b> Canhão original do Forte São Francisco Xavier de Tabatinga.....	7
<b>Figura 11.</b> “Cambios el opita” – casa de câmbio tradicional de Letícia.....	11
<b>Figura 12.</b> Fronteira Tabatinga – BR / Letícia – CO. ....	14
<b>Figura 13.</b> Os <i>campi</i> do IFAM.....	16

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1.</b> Gênero dos alunos .....	17
<b>Quadro 3.</b> Cidades de nascimento dos discentes.....	18
<b>Gráfico 3.</b> Nacionalidade das mães. ....	20
<b>Gráfico 4.</b> Línguas faladas pelos pais. ....	20
<b>Gráfico 5.</b> Línguas faladas pelas mães. ....	21
<b>Gráfico 6.</b> Língua de alfabetização.....	22
<b>Gráfico 7.</b> Idade de alfabetização. ....	22
<b>Gráfico 8.</b> Percentual de falantes de mais de uma língua. ....	22
<b>Gráfico 9.</b> Segunda língua. ....	23
<b>Gráfico 10.</b> Nacionalidade declarada.....	23
<b>Gráfico 11.</b> Percentual de discentes que declaram possuir mais de uma nacionalidade.....	24

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1.</b> Linha do tempo da formação de Tabatinga .....	9
<b>Quadro 2.</b> Implantação das instituições públicas em Tabatinga .....	12
<b>Quadro 4.</b> Segunda nacionalidade declarada.....	24

## APRESENTAÇÃO

Esta pesquisa foi se delineando no transcurso de minha jornada acadêmica, para entender o porquê deste trabalho, contarei um pouco da minha trajetória. Sou natural do município de Benjamin Constant – AM, limítrofe aos municípios de Atalaia do Norte, Tabatinga e, com a ilha peruana de Santa Rosa. Considerando a curta distância da ilha peruana e facilidade de acesso ao município de Tabatinga e conseqüentemente a cidade – gêmea de Letícia na Colômbia, o convívio com hispanos falantes é comum em nossa região, por fazer parte de uma faixa de fronteira e pela livre circulação.

Sempre me despertou curiosidade o fato de pessoas que falam português e pessoas que falam espanhol conseguirem se comunicar, muitas vezes sem a necessidade de que uma utilizasse a língua da outra, com o passar do tempo pude perceber que quem vive em áreas de fronteira por mais que não aprenda a outra língua a qual tem contato, acaba tendo seu ouvido treinado para entender a outra língua e assim se comunicar. É comum a expressão “*falar eu não falo, mas pode falar aí em espanhol que entendo tudo*”.

Ingressei na Universidade Federal do Amazonas – Instituto Natureza e Cultura no ano de 2006, no curso de Licenciatura em Letras: Língua e Literatura Portuguesa e Língua e Literatura Espanhola, inicialmente motivada pelo gosto pela literatura. Porém, no decorrer do curso acabei por me identificar com a língua espanhola, e sua presença no cotidiano dos municípios de Benjamin e Tabatinga, concluí o curso com um estudo comparativo entre o ensino-aprendizagem da Língua Espanhola como língua estrangeira nos municípios de Benjamin Constant e Tabatinga.

Em 2011 iniciei minha vida profissional ao ingressar no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas - *Campus* Tabatinga, como técnica – administrativa ocupando o cargo de auxiliar de biblioteca. Como o cargo atua diretamente no ensino do *campus* foi possível observar no corpo discente e a diversidade cultural que o constitui. Como veremos no decorrer deste trabalho Tabatinga está situada numa região de tríplice fronteira com a Colômbia e Peru, por esse motivo a presença de órgãos federais e forças armadas é necessária, com isso brasileiros ocupantes de cargos públicos e militares de todas as regiões do Brasil transitam pelo município e, além disso Tabatinga possui em seu território terras indígenas e, índios de diferentes etnias. Logo, o corpo discente do *campus* é conformado por indivíduos de diversas culturas, falantes de outras línguas como o espanhol e as línguas indígenas, além dos falantes das variações da língua portuguesa de outros estados brasileiros.

<sup>1</sup>Encontros pedagógicos realizados no Instituto Federal do Amazonas – *Campus* Tabatinga, realçaram a dificuldade dos professores em lidar com a diversidade linguística presente no *campus*, essa que aparentemente impacta na aprendizagem e, conseqüentemente, no rendimento dos alunos. Dentro desse contexto, situamos a presente pesquisa, pois visamos verificar o alcance dessa informação que circula nos meios pedagógicos.

Entendemos, também, que a vida escolar não pode se resumir em apenas rendimento quantitativo traduzido em notas obtidas em avaliações sistemáticas, notas altas não querem dizer que houve realmente aprendizagem e, principalmente, formação cidadã. A consolidação de uma cidadania também depende de uma socialização satisfatória, o que significa um arranjo comunicativo de forte interação entre os sujeitos, respeitando as diferenças e a diversidade. A partir desse panorama que se realizou o presente estudo, objetivando de forma geral conhecer a diversidade linguística e cultural presentes no IFAM – *Campus* Tabatinga, como se dão as interações entre esses sujeitos, buscando identificar se ocorre a existência de preconceito linguístico e os possíveis prejuízos a aprendizagem. Os objetivos específicos dessa pesquisa buscam respostas para as seguintes perguntas: O fato de alguns discentes possuírem mais de uma Língua implica em dificuldades ou prejuízos para a sua

aprendizagem? Como os discentes constituem sua identidade? Ocorre preconceito linguístico no ambiente escolar? O instituto utiliza alguma metodologia empregada voltada às diferenças sociolinguísticas e culturais dos alunos?

Para responder as perguntas retro mencionadas realizamos uma pesquisa qualitativa, pois buscamos refletir sobre a diversidade de grupos linguísticos e sociais encontrados no IFAM – *Campus* Tabatinga. “A pesquisa qualitativa não se preocupa com a representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc.”. (GERHARDT; SILVEIRA. 2009, p. 31).

Esta pesquisa foi dividida em três etapas:

A primeira consistiu num levantamento bibliográfico para através dele ter o aporte necessário a análise da pesquisa ou manipulação das informações (MARCONI e LAKATOS, 2003).

A segunda etapa se desenvolveu através da aplicação de questionários que aos discentes <sup>1</sup>dos Cursos Técnicos de Nível Médio ofertados na modalidade integrada, para a partir das respostas obtidas pudéssemos caracterizar o perfil linguístico dos discentes. Utilizamos esta técnica pois:

[...]o questionário é um dos instrumentos mais utilizados para obter informações. É uma técnica de custo razoável, apresenta as mesmas questões para todas as pessoas, pode garantir o anonimato e, questões para atender a finalidades específicas de uma pesquisa. Aplicada criteriosamente, esta técnica apresenta elevada confiabilidade. Podem ser desenvolvidas para medir atitudes, opiniões, comportamento, circunstâncias da vida do cidadão, e outras questões. (BARBOSA. 2008, p.1)

A terceira etapa foi concebida inicialmente para ser executada através da realização de entrevista com alguns discentes selecionados, com o objetivo de identificar se os alunos do IFAM – *Campus* Tabatinga que possuem mais de uma Língua apresentam dificuldades na aprendizagem das disciplinas; verificar como eles identificam culturalmente e nacionalmente; verificar se há a existência de preconceito linguístico na escola.

Esta dissertação está estruturada em capítulos, nos quais serão abordadas as seguintes questões:

No capítulo I apresentaremos o município de Tabatinga, abordando sua história, cultura e contexto social atual.

No capítulo II falaremos do IFAM – *Campus* Tabatinga, sua história, estrutura e apresentaremos os dados obtidos na segunda etapa de nossa pesquisa e definiremos alguns conceitos.

No capítulo III serão mostrados os pontos de vista de discentes sobre temas como identidade e preconceito linguístico, através da transcrição das falas dos discentes obtidas em conversas durante a terceira fase da pesquisa.

No capítulo IV faremos uma reflexão sobre multiculturalidade na escola.

---

<sup>1</sup> II Encontro pedagógico/ IFAM – CTB - Tema: Educação e Diversidade: a formação de educadores para a inclusão, realizado no período de 23 a 26 de julho de 2014.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>UM OLHAR SOBRE TABATINGA - AMAZONAS .....</b>	<b>1</b>
1.1	Fronteira .....	1
1.2	Cidades Gêmeas .....	2
1.3	Relato Histórico da Criação de Tabatinga – BR e Letícia – CO .....	3
1.3.1	Economia .....	9
1.3.2	Tabatinga Atual.....	14
<b>2</b>	<b>UM OLHAR SOBRE O <i>CAMPUS</i> TABATINGA.....</b>	<b>15</b>
2.1	O <i>Campus</i> Tabatinga.....	15
2.2	Estrutura Física e Organizacional.....	16
2.3	Os Sujeitos da Pesquisa – Corpo Discente .....	17
2.4	Conceituando .....	24
2.4.1	Língua.....	25
2.4.2	Língua Materna ou L1, Segunda Língua ou L2 e Língua Estrangeira .....	25
2.4.3	Bilinguismo .....	27
<b>3</b>	<b>ATORES FRONTEIRIÇOS.....</b>	<b>28</b>
3.1	Identidade Nacional.....	30
3.2	Língua.....	32
3.3	Preconceito Linguístico .....	35
<b>4</b>	<b>POR UMA ESCOLA VERDADEIRAMENTE MULTICULTURAL.....</b>	<b>39</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>42</b>
<b>6</b>	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>44</b>
<b>7</b>	<b>APÊNDICE .....</b>	<b>47</b>
	<b>Apêndice 1 .....</b>	<b>48</b>

## 1 UM OLHAR SOBRE TABATINGA - AMAZONAS

Neste capítulo apresentaremos de modo sucinto informações sobre Tabatinga – Amazonas/ Brasil, falaremos sua história e a da cidade de Letícia – Amazonas/ Colômbia, trataremos da economia e da situação atual da cidade.

Antes de iniciarmos, consideramos relevante conceituar brevemente os termos “fronteira” e “cidades – gêmeas”, estes que aparecerão de forma recorrente neste trabalho. Informamos que não aprofundaremos a discussão desses conceitos, pois embora um dos principais motivos da escolha do local de pesquisa tenha sido o fato dele estar localizado numa área de fronteira, este não é o foco deste trabalho.

### 1.1 Fronteira

A palavra fronteira vem do latim *frons ou frontis*, - fronte, frontaria, testa, indicava o terreno que se situava “in frente”, ou seja, nas margens, o que está na frente. Encontramos no Dicionário Aurélio a seguinte definição: “Fron.tei.ra s.f. (frente + eira) 1 Zona de um país que confina com outra do país vizinho. 2 Limite ou linha divisória entre dois países, dois Estados, etc. 3 Raia; linde. 4 Marco, baliza. 5 Confins, extremos”. (FERREIRA, 1986, p. 814).

Para Lia Ozório Machado:

A palavra fronteira implica, historicamente, aquilo que sua etimologia sugere- o que está na frente. A origem histórica da palavra mostra que seu uso não estava associado a nenhum conceito legal e que não é um conceito essencialmente político ou intelectual. Nasceu como um fenômeno da vida social espontânea, indicando a margem do mundo habitado. (1998, p.41)

Ao trazermos o conceito de fronteira para a realidade sociocultural atual, a fronteira seria um lugar de dualidades, ao mesmo tempo que é uma área de aproximação é de separação. Enquanto a fronteira na visão tradicional é o limite, a barreira entre Estados Nacionais, para a geopolítica a fronteira é um órgão periférico do Estado que pode ser um receptor de influências como pode ser um irradiar influências, projetando-se sobre os países vizinhos, numa perspectiva integracionista, a integração social que ocorre na fronteira resume a sobreposição de fluxo e forças de atração que dá origem a um novo espaço conjunto no local em que anteriormente existiam dois espaços separados e intransponíveis entre si. (BÜHRING, 2015). “Tanto que, fronteira é territorialidade permeável à mobilidade social, vez que, se estabelecem múltiplas relações sociais, culturais, econômicas e comerciais, fronteira não é limite à cidadania, é antes processo de interação” (BUTIERRES apud BÜHRING, 2015, p.324).

Neste trabalho vamos pensar a fronteira além da ideia dos limites geográficos, pois acreditamos que a noção de fronteira deve ser compreendida enquanto territorialidade flexível à mobilidade social, local em que é possível que se constituam as relações sociais. A fronteira além do limite físico é uma área de interação entre os sujeitos, suas identidades e culturas. (BÜHRING, 2015)



## 1.2 Cidades Gêmeas

O documento oficial que identifica e delimita a faixa de fronteira do Brasil é a Lei nº 6.634 de 1979. A faixa de fronteira brasileira corresponde a 150 km de largura ao longo de 15.719 km da fronteira terrestre brasileira, que abrange quinhentos e oitenta e oito municípios de onze estados, que são: Acre, Amapá, Amazonas, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Pará, Paraná, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima e Santa Catarina.

Após analisar as características físicas dos municípios o Ministério da Integração Nacional definiu cinco tipos de interação transfronteiriça, pois as simetrias e assimetrias entre cidades-gêmeas nem sempre decorrem de diferenças no nível de desenvolvimento dos países e sim de sua própria dinâmica e da função que exercem para os respectivos países. Os tipos de interação são:

- **Margem:** é caracterizada por um tipo de interação no qual a população fronteiriça de cada lado do limite internacional mantém pouco contato, exceto o contato familiar ou para modestas trocas comerciais. As relações são mais fortes com a estrutura nacional de cada país do que entre si. Outra forte característica é a ausência de infraestrutura conectando os principais núcleos de povoamento.

- **Zona-tampão:** aplica-se às zonas estratégicas onde o Estado central restringe ou interdita o acesso à faixa e à zona de fronteira, criando parques naturais nacionais, áreas protegidas ou áreas de reserva, o exemplo mais comum ocorre nas terras indígenas.

- **Frentes de povoamento:** No caso das interações fronteiriças, a “Frente” também designa outros tipos de dinâmicas espaciais, como a frente cultural (afinidades seletivas), a frente indígena ou a frente militar.

- **Capilar:** Este tipo de interação ocorre somente a nível local, como no caso das feiras, um exemplo de interação e integração fronteiriça espontânea. Pode ocorrer, também, através de trocas entre vizinhos com limitadas redes de comunicação, ou resultam de zonas de integração espontânea, nas quais o Estado intervém pouco, principalmente não ocorrendo investimento na construção de infraestrutura de articulação transfronteiriça.

- **Sinapse:** refere-se à presença de alto grau de troca entre as populações fronteiriças apoiado pelos Estados contíguos. As cidades-gêmeas podem ser caracterizadas de acordo com esse modelo. (Ministério da Integração Nacional, acesso, 19 out. 2016).

O Ministério da Integração Nacional através da PORTARIA No- 125, DE 21 DE MARÇO DE 2014, “estabelece o conceito de cidades-gêmeas nacionais, os critérios adotados para essa definição e lista todas as cidades brasileiras por estado que se enquadram nesta condição”.

Art. 1º Serão considerados cidades-gêmeas os municípios cortados pela linha de fronteira, seja essa seca ou fluvial, articulada ou não por obra de infraestrutura, que apresentem grande potencial de integração econômica e cultural, podendo ou não apresentar uma conurbação ou semi-conurbação com uma localidade do país vizinho, assim como manifestações "condensadas" dos problemas característicos da fronteira, que aí adquirem maior densidade, com efeitos diretos sobre o desenvolvimento regional e a cidadania.

Art. 2º Não serão consideradas cidades-gêmeas aquelas que apresentem, individualmente, população inferior a 2.000 (dois mil) habitantes. (Diário Oficial da União – Seção 1 – Nº 56, 2014, p.45)



**Figura 1.** Cidades gêmeas e suas divisas.  
 Fonte: IBGE, 2014.

### 1.3 Relato Histórico da Criação de Tabatinga – BR e Letícia – CO

Desde el siglo XVIII el área donde hoy se encuentra la ciudad binacional Letícia - Tabatinga ha tenido una importancia fundamental, porque refleja, simultáneamente, las diferencias y las afinidades entre el mundo de origen hispánico y el portugués. Allí se concentraron las luchas entre los misioneros jesuitas y los bandeirantes del Pará por la permanencia o exterminio de los pueblos Omagua; allí se enfrentaron las comisiones de limites, en los siglos XVIII, XIX y XX, para determinar las fronteras, y; allí se han mezclado las economías, los pueblos y las culturas, para formar una sociedad trinacional y multiétnica totalmente nueva." (GOBERNACIÓN DEL AMAZONAS *apud* STEIMAN. 2002, p. 60)

O município de Tabatinga está localizado no extremo oeste do estado do Amazonas, numa faixa de tríplice fronteira entre Brasil, Colômbia e Peru. Cada país possui um núcleo povoado, as cidades de Tabatinga (Brasil) e Letícia (Colômbia) e o distrito de Santa Rosa (Peru). Tabatinga e Letícia estão localizadas à margem esquerda do rio Solimões e possuem entre si uma fronteira seca, o que faz com que as localidades sejam consideradas cidades gêmeas. De acordo com Machado *apud* Euzébio, Tabatinga e Letícia são cidades gêmeas que “configuram uma articulação do tipo fronteira seca com interação do tipo sinapse, isto é, as trocas entre as aglomerações urbanas são intensas e ativamente apoiadas pelos Estados contíguos” (2011, p.21).



**Figura 2.** Tríplice fronteira Brasil-Colômbia-Peru

Fonte: EUZÉBIO, 2013.

O distrito de Santa Rosa está localizado à margem direita (oposta a Tabatinga/Letícia) do rio Solimões ou rio Marañon, nome dado ao lado peruano do rio.

Tabatinga está a 1.105 km de distância de Manaus – capital do estado do Amazonas e juntamente com os municípios de Atalaia do Norte, Benjamin Constant, São Paulo de Olivença, Amaturá, Santo Antônio do Içá, Tonantins, Jutai e Fonte Boa formam a microrregião do Alto Solimões.

O nome Tabatinga é de origem Omagua “taguatinga e significa “barro branco”, este encontrado em abundância no solo do município.

Sua história inicia no 1768 com o envio de um grupo de indígenas cristianizados a Tabatinga, objetivando a criação de uma pequena feitoria. O major português Domingos Franco iniciou no ano de 1770 nesta localidade a construção do Forte São Francisco Xavier de Tabatinga as obras foram concluídas em 1776, sua localização foi escolhida considerando motivos estratégicos, entre os objetivos de sua instalação estavam a repressão do contrabando e manutenção da posse do território, as vésperas da assinatura do tratado de Santo Idelfonso, concretizada em 1777, fato esse que originou o pequeno povoado (EUZÉBIO, 2011).

Os objetivos de combater e reprimir contrabando, bem como a manutenção da posse territorial foram atendidos de maneira simbólica, pois o Forte contava com um quantitativo pequeno de armamentos (STEIMAN, 2002).

Em 1932 o Forte de São Francisco Xavier de Tabatinga foi destruído pela queda do barranco onde estava localizado, esta ocasionada pelo fenômeno das Terras Caídas, que consiste na erosão das margens dos rios no período das cheias. Apenas no ano de 1989 com uma grande seca foi possível ver os destroços do antigo Forte e retirar do fundo do rio Solimões canhões, balas de canhão, cerâmicas e louças.

Os canhões atualmente adornam o Quartel do Comando de Fronteira Solimões - 8º Batalhão de Infantaria de Selva de Tabatinga que também é chamado de Forte São Francisco Xavier de Tabatinga (nome histórico). É possível encontrar um canhão original também no Parque Zoobotânico do Exército, que além da relíquia, possui como fachada uma réplica do antigo Forte. As balas de canhão, cerâmicas e louças pertencentes ao antigo forte encontram-se expostos no 8º BIS e estão disponíveis para visitação, juntamente com os canhões são as únicas relíquias existentes do Forte Francisco Xavier de Tabatinga. A seguir algumas imagens das relíquias.



**Figura 3.** Forte São Francisco Xavier de Tabatinga

Fonte: SOUZA, s/d.



**Figura 4.** Escombros do Forte São Francisco Xavier de Tabatinga

Fonte: [http://fortalezas.org/?ct=fortaleza&id\\_fortaleza=34](http://fortalezas.org/?ct=fortaleza&id_fortaleza=34)



**Figura 5.** Quartel do CFSOL/8ºBIS e canhão do forte São Francisco Xavier de Tabatinga

Fonte: SOUZA, 2016.



**Figura 6.** Fachada do parque Zoobotânico do CFSOL/ 8º BIS  
Fonte: SOUZA, 2016.



**Figura 7.** Cerâmicas originais do Forte São Francisco Xavier de Tabatinga.  
Fonte: SOUZA, 2016.



**Figura 8.** Utensílios do Forte São Francisco Xavier de Tabatinga  
Fonte: SOUZA, 2016.





**Figura 9.** Placa de identificação do canhão oriundo do Forte  
Fonte: SOUZA, 2016.



**Figura 10.** Canhão original do Forte São Francisco Xavier de Tabatinga.  
Fonte: SOUZA, 2016.

Encontra-se em fase de discussão um projeto de reconstrução do Forte São Francisco Xavier de Tabatinga, com intuito principal de resgatar a cultura local. Os responsáveis por esse projeto são: A prefeitura municipal, Exército Brasileiro e o Governo do Estado do Amazonas.

Os primeiros dados acerca do município de Tabatinga remontam do recenseamento de 1840 no qual é atribuída a categoria de povoado, posteriormente no ano de 1850 é atribuída a categoria de freguesia. No ano de 1981 é integrada ao município de São Paulo de Olivença, capital da Comarca do Alto Solimões. Em 1931 é criado o município de Benjamin Constant e a partir desse ano Tabatinga passa a ser zona distrital benjaminense. Considerando a sua localização geográfica em plena faixa de fronteira e sua importância estratégica, no ano de 1967 é transformada em colônia militar. Apenas no ano de 1983, através da Emenda Constitucional nº 12 e ratificada pela Lei 1.107 de 23/10/1985, Tabatinga é elevada à categoria de município, sendo assim um dos municípios mais jovens do Estado do Amazonas com 33 anos. O aniversário da cidade é comemorado no dia 1º de fevereiro.

Embora o município de Tabatinga - BR e o de Letícia – CO sejam cidades gêmeas, suas histórias convergem somente após o transcurso de quase um século de seu início.

As cidades gêmeas de Tabatinga e Letícia nasceram separadas por quase um século. Quando Letícia foi fundada em 1867 pelo Capitão peruano Benigno Gustamante, um

pequeno povoado já tinha se desenvolvido em torno do Forte de São Francisco Xavier de Tabatinga.” (STEIMAN. 2002, P.60).

O município de Letícia – CO, foi fundada pelo Capitão peruano Benigno Bustamante, governador de Loreto, em 25 de abril de 1867, com a instalação do Porto Fluvial de San Antonio.

A versão mais difundida do motivo que levou a fundação do porto pelos peruanos, foi a instalação de uma bateria de canhões no Forte Francisco Xavier de Tabatinga por parte do governo brasileiro, porém como vimos anteriormente, o Forte contava com escassos recursos bélicos, “[...]mas podemos supor que a abertura do rio Amazonas à navegação internacional pelo governo brasileiro, em pleno processo de valorização da borracha amazônica, teve um peso considerável na iniciativa peruana (STEIMAN. 2002, p. 62).

É atribuído ao engenheiro da Comissão Hidrográfica do Amazonas (Peru) Manuel Charón, a troca do nome da localidade San Antonio para Letícia em 15 de dezembro de 1867, em homenagem a sua noiva Letícia Smith, que residia em Iquitos – PE. Logo após a fundação de Puerto Letícia foi construída nas redondezas a Fortaleza Mariscal Ramón Castilla, nome em homenagem ao presidente peruano Ramón Castilla.

Até o fim do século XIX o total de habitantes de Letícia não ultrapassava o quantitativo de 50 famílias. Em março 1900 foi fundado um posto aduaneiro paralelo ao porto de Tabatinga. Em 1907 com o objetivo de facilitar o trânsito fluvial foi criada a Escola de Práticos, e assim Letícia foi crescendo paulatinamente como centro de comércio fluvial.

O município de Letícia situa-se na região do trapézio amazônico. Esta região tornou-se pertencente ao território colombiano com a assinatura do Tratado de Salomon Lozano, em 1922. Os peruanos não satisfeitos com a perda do território invadiram a cidade e expulsaram as autoridades colombianas ali presentes, que fugiram para Tabatinga. Pelo período de dois anos ficou indefinido a que país pertencia Letícia, a situação foi resolvida com a assinatura do protocolo do Rio que definitivamente entrega o território a Colômbia. A assinatura deste tratado não impediu a permanência dos peruanos, pois por um longo período eles eram a grande maioria da população segundo dados históricos: "En 1930, se dictó el decreto que crea la Comisaría de Amazonas y se le da como capital a Letícia, una población que había sido conformada por peruanos de Loreto y que, em su mayor parte, continuó siendo habitada por peruanos." (GOBERNACIÓN DEL AMAZONAS, 1999:48)

Letícia foi capital da Comisaria del Amazonas no período que compreende os anos de 1930 a 1963, quando foi elevada à categoria de município. E, a partir do ano de 1991 com a reforma constitucional colombiana se tornou a capital do então criado Departamento del Amazonas, mantendo esse status até os dias atuais.

Abaixo temos o quadro com a síntese da história da formação do município de Tabatinga:

**Quadro 1.** Linha do tempo da formação de Tabatinga

Fase	Ano	Acontecimento
Colonial	1759	São Paulo de Olivença é elevado à categoria de Vila;
	1768	Criação do Povoado de São Francisco Xavier de Tabatinga, local de construção do forte para abrigar o destacamento militar do javari.
	1817	Criado o município de São Paulo de Olivença desmembrado de Tefé, para onde retornaria em 1833, perdendo, inclusive, a categoria de vila;
Independência	1866	Assentados os marcos limites entre Brasil e Peru nas proximidades de Tabatinga;
	1892	Recriação do município de São Paulo de Olivença e desmembramento de Tefé;
República	1898	Criado o município e Vila de Remate de Males, atual Benjamin Constant;
	1910	Criada a Prefeitura Apostólica do Alto Solimões com sede em São Paulo de Olivença, sob a responsabilidade da Ordem Franciscana;
Estado Novo	1930	Supressão do município de Benjamin Constant;
	1932	Restauração do município de Benjamin Constant;
	1935	São Paulo de Olivença volta a condição de município autônomo;
Governo Militar	1968	Benjamin Constant passa a ser área de segurança nacional sob o domínio do Comando de Fronteira Solimões;
Abertura Política	1981	Criado o município de Tabatinga desmembrado de Benjamin Constant;

Fonte: adaptado EUZÉBIO, 2011, p.72

### 1.3.1 Economia

A economia da região da tríplice fronteira, desde a fundação dos municípios de Tabatinga e Letícia até o final dos anos 1970, teve sua base na extração da borracha. No fim do século XIX as “zonas caucheras” do interior da Colômbia começam a se esgotar, tal fato obriga os caucheiros colombianos a se deslocarem as regiões do baixo Putumayo e Caquetá, essas até então desconhecidas. A principal mão-de-obra utilizada era indígena, que trocava o látex por mercadorias. A manutenção territorial colombiana dessas regiões é atribuída por alguns estudiosos aos caucheiros. “Realmente, el país debe a los caucheros el haber podido defender sus fronteras en esa región, ya que oficialmente nunca se preocupó por hacerlo hasta muy entrado del siglo XX [...]” (DOMINGUEZ apud EUZÉBIO. 2011, p. 45).

Com o início do declínio do ciclo da borracha na região, o comércio de peles e animais vivos movimentava o comércio, tornando uma das principais atividades lucrativas entre as décadas de 1960 e 70, é a partir dessa época que surgem as fiscalizações e o controle rigoroso da fauna, que fez com que essa atividade perdesse espaço.



Concomitante ao declínio dessa atividade, a extração e comercialização de madeira se torna a atividade econômica mais importante da região, esse patamar é mantido até meados dos anos 1990, quando são realizadas as demarcações das terras indígenas e, são criadas leis ambientais e órgãos de fiscalização e controle da extração de madeira. Na Colômbia a madeira era extraída nas regiões de La Pedrera e Tarapacá, enviada pelo rio Putumayo até Puerto Asis, de onde seguia por terra até Cali e Bogotá para ser comercializada. A madeira também era comercializada com brasileiros em La Pedrera (GOBERNACIÓN DEL AMAZONAS, 1999).

Diferente de Letícia, Tabatinga está situada em região de várzea e não possui madeira de lei, que apenas é encontrada em terra firme. Por isso a exploração madeireira no lado brasileiro ocorreu predominantemente no município de Benjamin Constant.

A rota que foi utilizada no século XVIII para contrabando, posteriormente para exportação de borracha e peles, ainda em meados dos anos 1970 começou a ser utilizada para o tráfico de drogas (MACHADO apud STEIM, 2002, p.66).

Do final da década de 70 até meados dos anos 90 o tráfico de drogas foi a principal atividade econômica da região. Não apenas pelos empregos gerados, ocorreram resultados indiretos, com o aumento da circulação de dinheiro, principalmente de dólar, o comércio da região foi alavancado. Letícia havia se tornado um local com custo de vida elevado, porém como o cruzeiro brasileiro era desvalorizado perante o peso colombiano e o sol peruano, Tabatinga tornou-se o principal eixo comercial da região por seus produtos possuírem preços mais atrativos considerando a grande quantidade de moeda estrangeira circulante e, local para a prática de lavagem de dinheiro do tráfico.

A mesma rede de rotas e corredores que serviu aos propósitos do contrabando durante o século XVIII e mais tarde para a exportação da borracha, madeira e peles passa a ser utilizada a partir da década de 1970 para o tráfico de drogas. Extremamente sensíveis às mudanças cambiais, as transações comerciais entre Tabatinga e Letícia foram seriamente afetadas pela utilização das duas cidades como rota de exportação da cocaína e da pasta de coca. (STEIMAN.2002, p. 66)

A variedade de moedas que circulavam e a grande quantidade impulsionaram a criação de diversas casas de câmbio tanto em Letícia como em Tabatinga. Ainda nos dias de hoje existe um número elevado de casas de câmbio em Letícia – CO, são elas que ditam a cotação das moedas circulantes no município, em vez do câmbio internacional, pois quase sempre os valores de cotação locais são diferentes aos do mercado internacional. Os cambistas calculam o valor do real em relação ao peso colombiano de acordo com a procura pela moeda, o que nos últimos anos diminuiu, ocasionada pela queda da importação de pescado brasileiro e crescimento da importação de pescado vietnamita que é oferecido a preços mais baixos.



**Figura 11.** “Cambios el opita” – casa de câmbio tradicional de Letícia.

Fonte: SOUZA, 2016.

No auge do período em que a economia local era aquecida pelo tráfico de drogas, foi desenvolvido em Tabatinga um esquema de investimento de risco. Pessoas de baixa renda se uniam para adquirir um carregamento de droga a ser enviado, quando conseguiam fazer a droga chegar ao destino final sem que fosse apreendida dividiam o lucro obtido. Participavam do esquema de três a cinco vezes ou até conseguir recursos para investir em negócios legais. O esquema fez com que muitos perdessem todas suas economias, porém contribuiu para que muitos construíssem capitais e negócios lícitos.

Em Letícia o dinheiro do tráfico foi investido em aquisição de automóveis e barcos de luxo, bem como joias e mansões que podem ser vistas até os dias atuais no município. Uma pequena parte foi investida em atividades legais no setor imobiliário e hoteleiro.

No ano de 1990 foi dissolvido o cartel de Letícia, este que em seu período áureo foi considerado o 3º da Colômbia, controlador do tráfico de drogas de toda a região da tríplice fronteira.

Ocorreu uma grande crise econômica em Tabatinga com o fim do Cartel de Letícia, que perdura por um curto período, pois o mercado local volta a ser aquecido com a chegada de grande quantidade de migrantes oriundos das mais diversas cidades do Brasil, estes incentivados pelas forças armadas e órgãos públicos recém instalados no município.

Como parte da estratégia de fortalecer Tabatinga, várias instituições dos governos federal e estadual haviam sido instaladas desde a segunda metade da década de 1970 [...] Esses fatores podem ter colaborado para que Tabatinga fosse menos atingida pela crise comercial decorrente da perda de poder aquisitivo da cidade vizinha. (STEIMAN. 2002, p.68)

Vejamos abaixo o quadro demonstrativo das principais instituições públicas presentes no município de acordo com seu ano de implantação:

**Quadro 2.** Implantação das instituições públicas em Tabatinga.

INSTITUIÇÃO	ANO
Pista de pouso para pequeno porte	1965
Colônia Militar de Tabatinga – Comando de Fronteira – 8º BIS	1967
Porto de Tabatinga	1976
Banco do Brasil	1976
Bradesco	1978
Aeroporto Internacional (INFRAERO)	1980
Hospital de Guarnição de Tabatinga e Comando do 9º Distrito Naval	1982
Instalação do município de Tabatinga	1983
Tribunal de Justiça do Trabalho	1989
Inspetoria da Receita Federal	1991
Delegacia da Polícia Federal de Tabatinga	2000
Delegacia de Polícia Civil de Tabatinga	2002
Universidade do Estado do Amazonas	2003
Ministério Público Federal e Justiça Federal	2004
Caixa Econômica Federal	2007
Fórum de Justiça da Comarca de Tabatinga	2008
Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas	2008
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas	2010

Fonte: EUZÉBIO, 2010.

Podemos observar que as instituições públicas começam a ser instaladas a partir de 1965, coincidindo com o início do período militar que reforçava a necessidade de integração nacional. Um segundo momento de implantação ocorre nos anos 80 correspondendo ao período de emancipação do município, que necessitava ser estruturado de modo político-administrativo para que funcionasse. Nos anos 90 o único investimento que ocorre é a instalação da Inspetoria da Receita Federal, ficando sem investimentos até o início dos anos 2000.

Atualmente as cidades – gêmeas de Tabatinga e Letícia possuem uma relação de interdependência. Os leticianos necessitam do comércio de Tabatinga para aceder a materiais de construção e produtos alimentícios industrializados como: arroz, feijão, açúcar, enlatados, frios, carnes em geral e etc., esses produtos são comprados tanto no varejo como no atacado e abastecem os mercados colombianos, inclusive os de outras localidades próximas a Letícia como Puerto Nariño e Tarapacá.

A procura pelos produtos retro mencionados, é justificada pelo baixo custo possibilitado pela facilidade logística em trazer esses produtos de Manaus a Tabatinga, por meio fluvial e um curto espaço de tempo, o que barateia os produtos. Letícia não possui essa facilidade, pois, por questões geográficas o transporte fluvial de mercadorias só é possível por via fluvial exclusivamente desde Puerto Assis (localização) a Letícia. Os produtos são levados por via terrestre até Puerto Assis onde são colocados nas embarcações, estas demoram em média 30 dias para chegar a Letícia, fazendo com que os preços sejam elevados, se comparados ao dos produtos brasileiros. Os produtos perecíveis só chegam a Letícia por intermédio de aviões de carga, outro fator que eleva os preços praticados em relação as outras regiões da Colômbia.

Outros produtos bastante procurados pelos colombianos são os calçados e os chocolates, sendo inclusive de grande apelo turístico (os pontos de venda desses produtos fazem parte dos itinerários turísticos oferecidos pelas agências de viagens colombianas), as lojas de calçados estão concentradas na rua Marechal Mallet. Um dos requisitos para

conseguir o posto de vendedor nessas lojas é possuir fluência na língua portuguesa e espanhola, para melhor atender a demanda de clientes brasileiros, colombianos e peruanos.

Os brasileiros buscam no mercado leticiano os eletroeletrônicos, bebidas, perfumes, joias, roupas e calçados importados. Esses produtos são importados de áreas de livre comércio nacionais (San Andrés) e internacionais (Panamá e Miami). Letícia e a Ilha de San Andrés são isentas de IVA – Imposto de Valor Agregado, correspondente a 16% do valor do produto, para que essa isenção ocorra é necessário que o comerciante de Letícia frete um avião para as áreas de livre comércio onde são adquiridas as mercadorias a serem revendidas e, que esse avião retorne com as mercadorias em voo sem escala a Letícia, se o avião realizar escala em outra localidade colombiana que não possui isenção de IVA os produtos transportados serão automaticamente taxados. Essa isenção tributária somada a taxas de juros mais baixas praticadas pelo mercado colombiano, faz com que os produtos importados de modo geral possuam valores mais atrativos em Letícia - CO que no Brasil, mesmo com a desvalorização do real perante ao peso colombiano.

Os produtos de origem agrícola não industrializados como: tomate, feijão, batata, cebola, limão, ovos, lentilha, soja, grão-de-bico, pimenta, condimentos em geral, outros produtos alimentícios como laticínios e materiais de limpeza, que abastecem tanto Tabatinga como Letícia são fornecidos na grande maioria pelos peruanos. A feira de Tabatinga é ocupada em grande parte por comerciantes oriundos do Peru, que trazem suas mercadorias sem nenhuma fiscalização. Os comércios peruanos na sua grande maioria não possuem alvará de funcionamento ou realizam pagamento de tributos. Esse tema gera polêmica e divisão de opiniões pois, ao mesmo tempo que se questiona a não contribuição tributária ao município, e a não geração de empregos aos tabatinguenses, pelo fato da grande maioria dos negócios serem familiares e os peruanos preferirem empregar peruanos ao invés de brasileiros, é inegável a importância desses comerciantes e principalmente de seus produtos para os dois municípios, considerando a abundância dos itens e o baixo preço praticado, se comparado ao preço que seria aplicado se os mesmos itens fossem trazidos de Manaus ou Bogotá, já que seria agregado o custo logístico e tributário. Porém a falta de fiscalização por parte dos órgãos de controle acarreta riscos a população fronteiriça, o principal risco é o sanitário, pois a ampla maioria destes comércios possui visivelmente escassas condições higiênicas e estruturais. A presença dos comércios peruanos está concentrada na feira de Tabatinga, bem como também é notória na feira de Letícia, porém no lado colombiano a fiscalização de pontos comerciais e produtos é mais rigorosa.

Uma situação que ultrapassa o viés econômico é o do preconceito cultural com os imigrantes peruanos. Alguns fatores são relacionados para explicar esse preconceito. Steiman fala:

A origem do preconceito contra os peruanos pode estar relacionada a pelo menos 3 fatores: a) a questão étnica, já que aqueles que penetram no território nacional vêm sobretudo da Amazônia peruana e têm aparência indígena e pelo fato deles serem tratados como cidadãos de segunda classe em seu próprio país; b) a questão cultural, uma vez que são os mais pobres e com menos infra-estrutura na zona de fronteira; c) a questão econômica, pois a população local se ressentida de repartir os já escassos recursos que são destinados ao atendimento médico e a outros serviços nos municípios de fronteira (2002, p. 56)

Abordaremos a questão do preconceito cultural e linguístico nos próximos capítulos.

Sobre a economia nas cidades – gêmeas de Tabatinga e Letícia podemos concluir que embora sejam dois municípios independentes, um precisa dos produtos e serviços oferecidos pelo outro para existir, fazendo que ocorra uma relação de mútua dependência entre os dois.

### 1.3.2 Tabatinga Atual



**Figura 12.** Fronteira Tabatinga – BR / Letícia – CO.

Fonte: SOUZA, 2016.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, atualmente o município de Tabatinga possui uma área territorial de 3.266,062 km<sup>2</sup> (2010), segundo o censo realizado em 2010 possui uma população de 52.272 hab. e, segundo estimativas apresentadas pelo IBGE, possui no ano de 2016 uma população de 62.346 hab., o gentílico é tabatinguense.

Mesmo com os dados oficiais do IBGE, é difícil quantificar o quantitativo de tabatinguenses, pois como veremos nos próximos capítulos, possuir registro de nascimento de um determinado município não está atrelado a real localidade de nascimento. A localidade de nascimento não está atrelada a nacionalidade, sim a identidade cultural e nacional que é adotada. Numa região que como vimos é tão marcante a cultura da Colômbia e do Peru, ser brasileiro, colombiano ou peruano se torna uma questão de opinião e identificação cultural.

Não trataremos do tema fronteira de modo aprofundado, pois o foco deste trabalho está na multiculturalidade e diversidade linguística existente na região onde se localiza o município, especificamente no âmbito escolar do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas/ IFAM – *Campus* Tabatinga, local da pesquisa desenvolvida e tema a ser abordado a seguir.

## 2 UM OLHAR SOBRE O *CAMPUS* TABATINGA

Após falarmos sobre o contexto no qual está inserido o município de Tabatinga, localização do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas – *Campus* Tabatinga, falaremos brevemente sobre a instituição, que é o local onde se desenvolveu a pesquisa e, posteriormente, apresentaremos os resultados obtidos através da aplicação dos questionários.

### 2.1 O *Campus* Tabatinga

Os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia surgiram com o propósito de alavancar a educação técnica e tecnológica no Brasil, ao propor a expansão do ensino, ofertando educação básica, técnica e tecnológica, formação profissional de trabalhadores, além de cursos de licenciaturas e pós-graduações.

O Instituto Federal do Amazonas – IFAM surgiu a partir da fusão da Escola Agrotécnica Federal de Manaus, Escola Agrotécnica Federal de São Gabriel da Cachoeira, Centro Federal de Educação Tecnológica do Amazonas (CEFET – AM) - *campus* Centro e *campus* Distrito Industrial e *campus* avançado de Coari, com o objetivo de atender as necessidades de qualificação técnica e profissional demandadas pela sociedade amazonense.

A pesquisa de que se trata este trabalho foi realizada no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas – *Campus* Tabatinga. Trataremos brevemente sobre a história desta Instituição.

A Rede Federal de Educação possui uma história centenária em busca de consolidação. Os primeiros passos do ensino profissionalizante ocorreram em 1909 com a criação de 19 Escolas de Aprendizes e Artífices. A criação dessas escolas deve-se ao Decreto nº 7.566, de 23 de setembro de 1909. O objetivo dessas instituições, segundo Mello, eram fazer dessas escolas “um instrumento de capacitação ou adestramento para atender o crescente desenvolvimento industrial e ao ciclo de urbanização. Tinha caráter assistencialista em relação à massa trabalhadora” (MELLO, 2009, p.20). As EAAs enfrentaram inúmeras dificuldades em sua implantação, porém mesmo com essas dificuldades Queluz (2000, p.32) acredita que:

[...] As EAAs representavam um papel estratégico no esforço de controle social das classes proletárias, de disciplinarização e definição do papel do menor. Era também uma Instituição difusora dos valores republicanos, especialmente da ética do trabalho. Procurava atuar como consolidadora da nacionalidade através do trabalho produtivo, formador das riquezas da nação e da integração dos elementos potenciais de desordem social, os menores desvalidos e os estrangeiros, devidamente docilizados.

A escola de Aprendizes e Artífices do Amazonas foi inaugurada em 1º de outubro de 1910, e é dessa escola que após diversas transformações ocorridas no transcurso de mais de um século de história, que provém um dos pilares do que hoje é o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas.

Foi por intermédio da Lei nº 11.892, que ocorreu a criação de 38 Institutos Federais, em 29 de dezembro de 2008. Sobre os Institutos Federais, Mello (2009, p. 295) nos diz:

Os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia são instituições de educação superior, básica e profissional, pluricurriculares e multicampi, especializados na oferta de educação profissional e tecnológica nas diferentes modalidades de ensino, com base na conjugação de conhecimentos técnicos e



tecnológicos às suas práticas pedagógicas. Os Institutos Federais compõem a Rede Federal de Educação Tecnológica.

Atualmente o IFAM possui 15 *campi* distribuídos em 13 municípios de: Coari, Eirunepé, Humaitá, Itacoatiara, Lábrea, Manaus (três *campi*), Maués, Manacapuru (*campus* avançado) Parintins, Presidente Figueiredo, São Gabriel da Cachoeira, Tabatinga e Tefé. Como vemos na figura abaixo o Instituto está presente nas diversas regiões do estado do Amazonas.



**Figura 13.** Os *campi* do IFAM.

Fonte: <http://www.ifam.edu.br>

O IFAM – *Campus* Tabatinga iniciou suas atividades em 2010, ofertando os cursos técnicos integrados em Administração, Agropecuária e Informática. E os cursos técnicos subsequentes de Administração, Informática e Recursos Pesqueiros. Em 2011, foi iniciado o curso técnico em Meio Ambiente nas modalidades Integrada e Subsequente e, em 2012 o curso de Agropecuária foi ofertado na modalidade subsequente.

## 2.2 Estrutura Física e Organizacional

O *campus* Tabatinga possui em sua estrutura 10 salas de aula, 6 laboratórios (informática, física, química, biologia, cultura de tecidos e educação física), 1 biblioteca que possui além do acervo bibliográfico de aproximadamente 12.000 itens possui 10 computadores destinados a pesquisa acadêmica, cantina com área de convivência, piscina semiolímpica, Unidades Educativas de Produção – UEPs destinadas as práticas de campo dos cursos da área de Ciências Agrárias e Ambientais, auditório com capacidade para 150 pessoas e um ginásio poliesportivo e fase de conclusão, além de estrutura física de salas nas quais funcionam as áreas pedagógica e administrativa do *campus*. O *campus* atualmente possui um quadro de aproximadamente 100 servidores entre docentes, técnicos – administrativos e colaboradores terceirizados.

É um *campus* considerado consolidado com 6 anos de existência, essa consolidação ocorre no quinto ano com a primeira consulta eleitoral para a escolha do ocupante do cargo de Diretor Geral, que exercerá a função pelo período de quatro anos, conforme previsto na Lei nº

11.892 de 29 de dezembro de 2008. O *campus* foi integrante da chamada expansão II do IFAM, que incluiu os *campi* de Lábrea, Maués, Parintins e Presidente Figueiredo. Os *campi* mencionados, foram idealizados a partir de um mesmo projeto arquitetônico, logo, possuem estrutura física semelhante, essa estrutura tem como deficiência a não possibilidade de ampliação física, ocasionada pelo projeto arquitetônico inicial, o que limita a ampliação na oferta de cursos. Para que haja aumento do quantitativo de cursos oferecidos é necessária à construção de novos prédios.

### 2.3 Os Sujeitos da Pesquisa – Corpo Discente

Como abordamos anteriormente Tabatinga está situada numa região de tríplice fronteira sendo uma cidade – gêmea com a cidade colombiana de Letícia.

Um dos objetivos deste trabalho foi mapear o público discente da modalidade integrada, buscando responder questionamentos como: De onde vem nossos discentes? Se consideram de que nacionalidade? Que idioma(s) fala(m)?

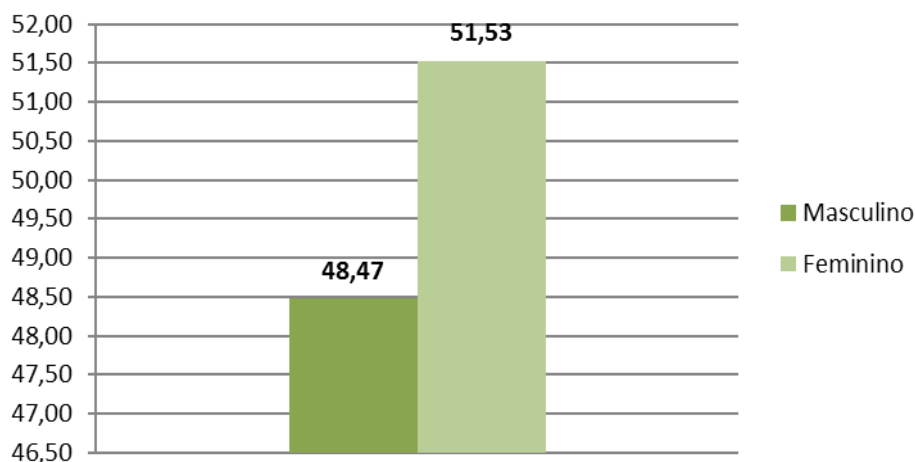
Buscando as respostas desses questionamentos aplicamos um questionário (Apêndice 1) com oito perguntas semi - estruturadas nas turmas dos Cursos Técnicos da modalidade Integrada. A modalidade de ensino integrada consiste tem como característica a oferta das disciplinas do curso técnico ofertadas concomitantemente as disciplinas da base nacional comum do Ensino Médio, funcionamento em tempo integral. Os discentes recebem ao término do curso um diploma de conclusão tanto do Ensino Médio como do Curso Técnico.

O preenchimento do questionário não era obrigatório, obtivemos 229 questionários respondidos, o que corresponde a 70% dos discentes da modalidade integrada, no ano letivo de 2016.

Segundo o dicionário de sociologia, de Theodorson & Theodorson, questionário é um modelo ou documento em que há uma série de questões, cujas respostas devem ser preenchidas pessoalmente pelos informantes. Mas também pode ser conceituado como uma série de perguntas organizadas com o fim de se levantar dados para uma pesquisa, com respostas fornecidas pelos informantes, sem assistência ou orientação do investigador. (THEODORSON apud FACHIN. 2006, P.158)

O questionário era composto por um termo de consentimento livre e esclarecido, um enunciado explicativo e oito perguntas abertas.

A primeira pergunta buscou verificar se existe predominância de discentes do sexo masculino ou feminino na modalidade integrada. Detectamos que no geral há uma pequena predominância de discentes do sexo feminino, conforme gráfico abaixo.



**Gráfico 1.** Gênero dos alunos



Ressaltamos que ao analisarmos os questionários por curso, notamos predominância masculina no Curso de Informática, com percentual de 64,70% discentes de sexo masculino e 35,29% do sexo feminino. O curso de Meio Ambiente possui predominância feminina com 71,00% discentes do sexo feminino e 29,00% discentes do sexo masculino. Nos cursos de Agropecuária e Administração não ocorre uma predominância de gênero, o quantitativo discentes de gênero masculino e feminino é similar, com uma média de 50% de homens e 50% de mulheres. A predominância quanto ao gênero no curso de Informática podemos atrelar a tendência existente na sociedade, nas instituições de ensino, e no mercado de trabalho de modo geral, em considerar os cursos da área da informática e as engenharias, como cursos masculinos, tendência essa que é preconceituosa. A predominância feminina no curso de Meio Ambiente pode ser explicada pelo mesmo fator. Para mudar essa imagem o *campus* Tabatinga tem feito palestras com os discentes do 9º ano das escolas do município, com o intuito de explicar o que é o IFAM e apresentar o perfil de cada curso ofertado, bem como a atuação do técnico formado no mercado de trabalho. Este trabalho também auxilia na desmistificação de paradigmas preconceituosos, de que um curso é melhor que outro, ou que um curso serve apenas para homens ou para mulheres. Essas palestras ocorrem na época de inscrição para o processo seletivo de ingresso de discentes.

A segunda pergunta foi a idade dos discentes, para diagnosticar qual a faixa etária dos estudantes dos cursos técnicos integrados do IFAM - Tabatinga. A faixa etária dos alunos é de 13 a 20 anos, correspondendo a 97,81% dos discentes. Existem apenas dois casos de discentes acima dos 25 anos, o que corresponde a 2,18%.

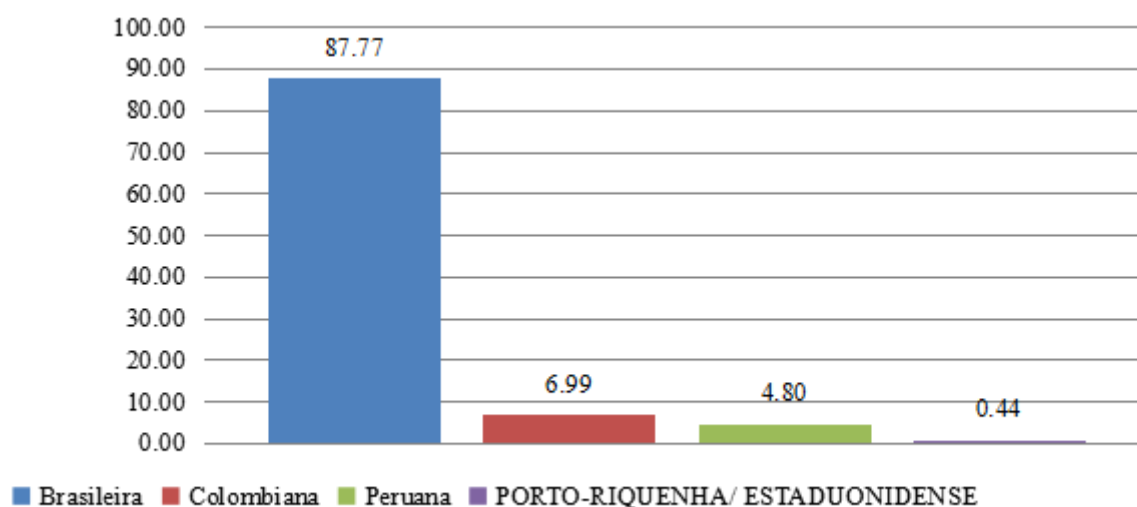
A terceira pergunta tratou do local de nascimento, pedimos que fosse especificado a cidade, estado e país de nascimento do discente. No quesito cidades, foram informadas 29 cidades diferentes distribuídas entre três países, 10 estados brasileiros, 2 departamentos colombianos e 1 província peruana, os dados obtidos foram tabelados abaixo:

**Quadro 3.** Cidades de nascimento dos discentes.

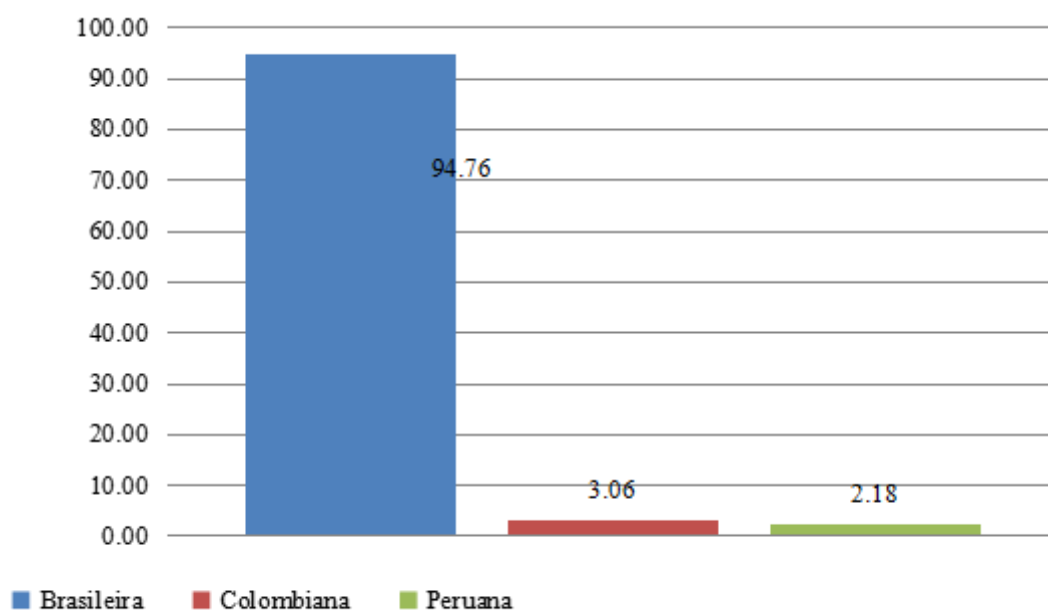
<b>Opções de Respostas</b>	<b>Respostas</b>	<b>%</b>
Amaturá	2	0,88
Ananindeua	1	0,44
Angra dos Reis	1	0,44
Atalaia do Norte	6	2,64
Belém	1	0,44
Benjamin Constant	38	16,74
Boa Vista	1	0,44
Bogotá	2	0,88
Cabo Frio	1	0,44
Cartagena	1	0,44
Coari	1	0,44
Garanhuns	1	0,44
Ipiranga	1	0,44
Ji – Paraná	1	0,44
João Pessoa	2	0,44
Letícia	2	0,88
Manacapuru	1	0,44
Manaus	13	5,73

Maringá	1	0,44
Natal	1	0,44
Niterói	1	0,44
Palmas	1	0,44
Porto Velho	1	0,44
Recife	1	0,44
Rio de Janeiro	2	0,44
Santa Rosa	1	0,44
Santo Antônio do Içá	3	1,32
São Paulo de Olivença	5	2,20
Tabatinga	133	58,59
Tefé	2	0,88
Vila Bitencout	1	0,44
<b>Total</b>	<b>229</b>	<b>100,00</b>

A quarta pergunta tratou da nacionalidade dos pais, bem como o idioma falados por eles em casa. Dos 229 discentes que responderam o questionário, 201 pais são brasileiros, 16 colombianos, 11 são peruanos e 1 porto-riquenho. Das mães, 217 são brasileiras, 7 são colombianas e 5 peruanas. Dados expressos nos gráficos 2 e 3. Embora os pais dos discentes sejam predominantemente brasileiros, veremos que esse fator não determina diretamente a língua falada em casa, nem se o aluno fala mais de uma língua.

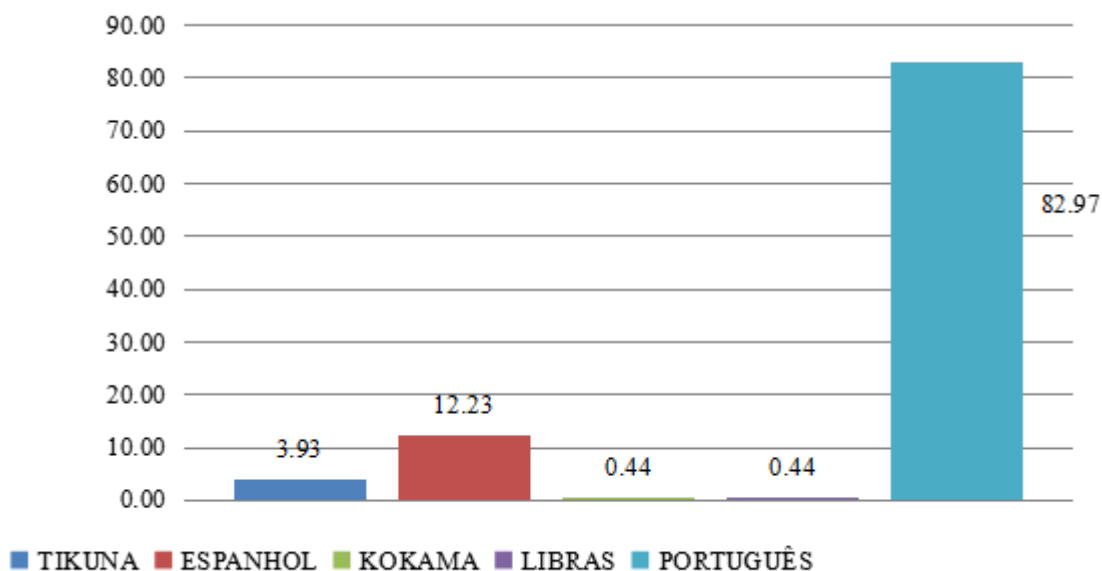


**Gráfico 2.** Nacionalidade dos pais.



**Gráfico 3.** Nacionalidade das mães.

Quanto ao idioma falado pelos pais, podemos ver no gráfico 4 os dados apresentados, ampla maioria fala português, totalizando 190 falantes, em seguida do espanhol com 28 falantes, que é o equivalente ao resultado da somatória da quantidade de pais colombianos e peruanos, e 1 falante de língua kokama (indígena) e 1 de libras (língua brasileira de sinais).

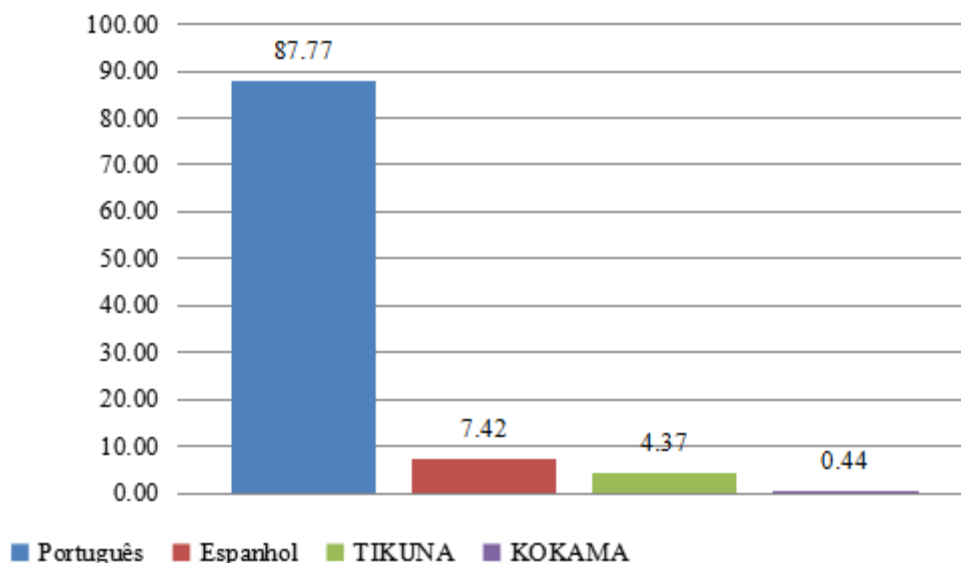


**Gráfico 4.** Línguas faladas pelos pais.

Sobre o idioma falado pelas mães, 201 falam português, 17 falam espanhol, 10 falam tikuna e 1 kokama (línguas indígenas), informações expressas no gráfico 5. Vale ressaltar que o quantitativo informado de mães estrangeiras é inferior ao quantitativo de mães que falam espanhol, esse fato pode ser explicado pelo bilinguismo presente na região, ou por serem filhas de pais estrangeiros, o que é muito comum na região. Para um indivíduo ser

considerado brasileiro não significa que o mesmo seja falante da língua portuguesa, essa afirmação aplica-se especificamente a Tabatinga, abordaremos sobre esse tema nos próximos capítulos.

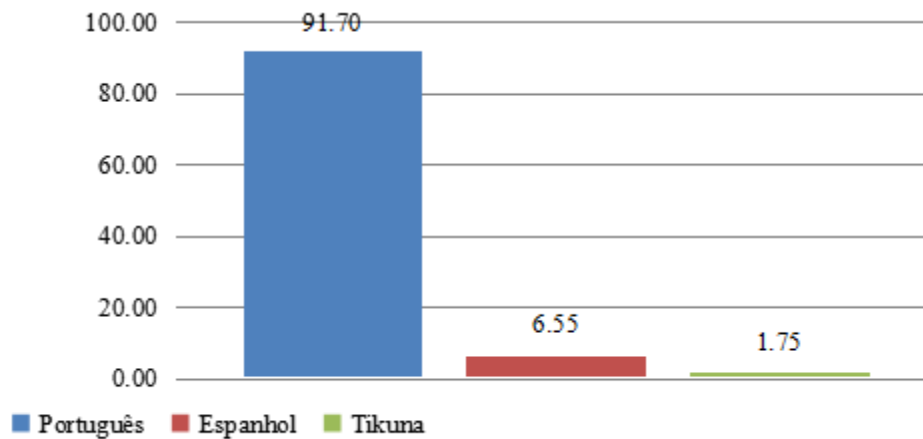
Podemos notar, também, que existem mais mães do que pais informados como falantes de língua indígena, nas comunidades indígenas o acesso a aprendizagem da língua portuguesa é priorizado aos homens, embora esta prática esteja sendo modificada, em observações foi notado, que entre os indígenas mais velhos que normalmente os homens aprenderam português e as mulheres não.



**Gráfico 5.** Línguas faladas pelas mães.

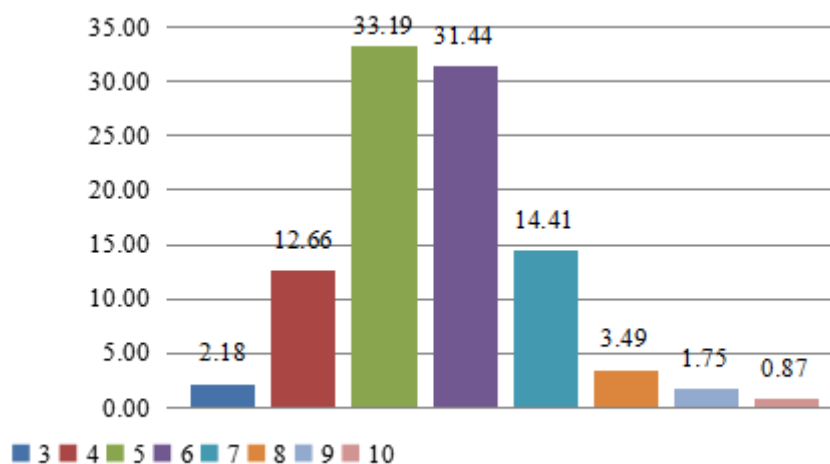
A quinta pergunta questionou qual escola anterior ao IFAM foi frequentada pelos discentes, bem como a cidade, estado e país de localização dessas escolas. Foram apresentadas 29 escolas diferentes, das quais 15 são particulares e 14 públicas. Estão localizadas em 17 cidades, sendo 13 no Brasil em 4 estados diferentes e 4 no exterior, especificamente na Colômbia, Peru, Portugal e Canadá. Essa diversidade de cidades e estados deve-se ao grande fluxo de pessoas que vem a Tabatinga para trabalhar nos órgãos públicos presentes no município e nas forças armadas, fazendo com que seja notada a presença de alunos oriundos de outras regiões brasileiras.

A sexta pergunta questionou em que língua os discentes foram alfabetizados e com que idade. Verificamos que a ampla maioria dos discentes declarou haver sido alfabetizada em português, seguido de espanhol e tikuna, conforme gráfico abaixo.



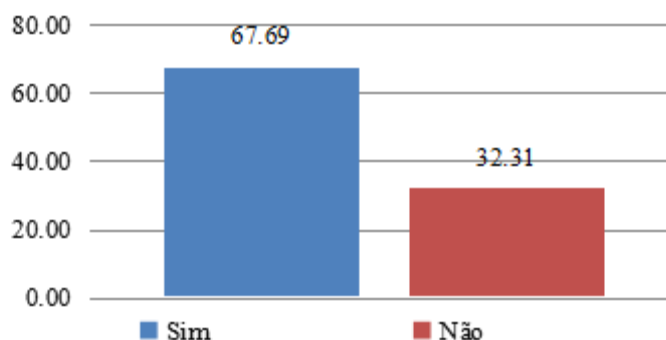
**Gráfico 6.** Língua de alfabetização.

A faixa etária de alfabetização dos discentes oscila entre 3 e 10 anos, como vemos a seguir.

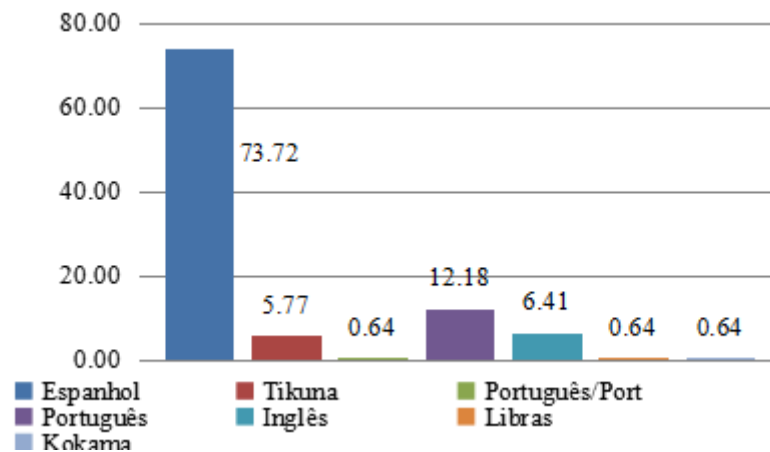


**Gráfico 7.** Idade de alfabetização.

A sétima questão perguntou se os discentes falam mais de uma língua, 155 discentes responderam que sim, o que caracteriza a maioria e 74 discentes responderam que não. A língua estrangeira predominantemente apontada foi a língua espanhola, como demonstrado nos gráficos a seguir:



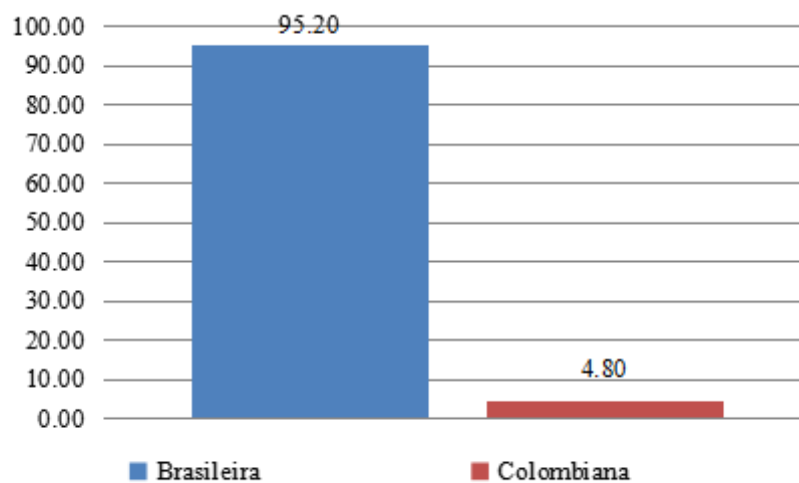
**Gráfico 8.** Percentual de falantes de mais de uma língua.



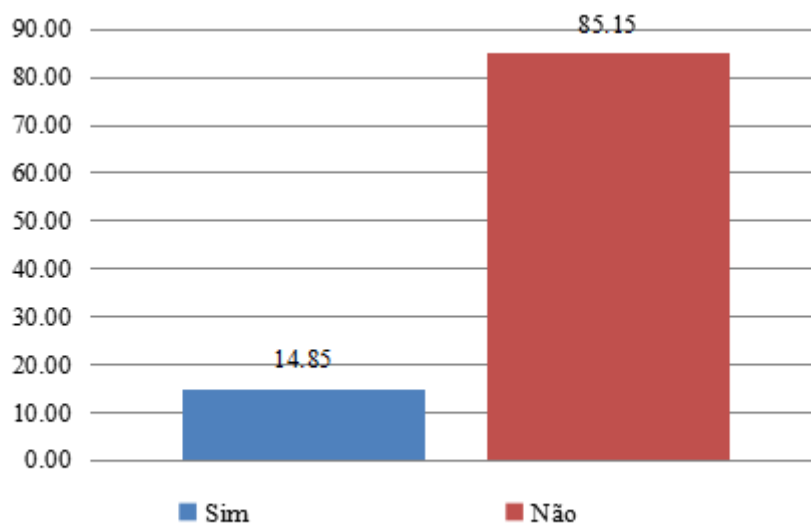
**Gráfico 9.** Segunda língua.

É possível notar uma divergência entre o quantitativo percentual de discentes alfabetizados em espanhol, que é de 6,58% com o quantitativo de discentes que tem o português como segunda língua, que é de 12,18%. Esse fato explicamos pela existência de alunos que mesmo alfabetizados em português e tendo sua trajetória escolar feita em escolas brasileiras, utilizam a língua espanhola para a comunicação oral/falada.

Quando questionamos sobre qual nacionalidade o aluno considera possuir e, se porventura considerar possuir mais de uma, informar quais seriam, obtivemos os seguintes dados:



**Gráfico 10.** Nacionalidade declarada.



**Gráfico 11.** Percentual de discentes que declaram possuir mais de uma nacionalidade.

**Quadro 4.** Segunda nacionalidade declarada.

Opções de Respostas	Respostas	%
BRASILEIRA	9	26,47
COLOMBIANA	11	32,35
JAPONÊS	1	2,94
PERUANA	6	17,65
TIKUNA	7	20,59
<b>Total</b>	<b>34</b>	<b>100,00</b>

Podemos notar que a maioria dos discentes se considera primeiramente brasileiro, seguido de um grupo que se considera colombiano, é possível verificar também que, dos discentes que responderam o questionário, nenhum se considerou primeiramente peruano. A nacionalidade peruana só aparece na estatística de discentes que além de brasileiro ou colombiano se considera de outra nacionalidade. Como citamos anteriormente, existe preconceito em relação aos imigrantes peruanos, esse preconceito também pode ser verificado na escola, o que faz com que o aluno peruano não queira se identificar como peruano, por considerar uma nacionalidade “inferior”.

Outro dado que vale ressaltar são dos indígenas que consideram sua tribo como uma nação, ao declarar o ser tikuna como uma nacionalidade independente da brasileira.

Após a aplicação do questionário ficou perceptível a presença de diversidade linguística e do multiculturalismo no IFAM - *campus* Tabatinga, a língua espanhola foi apontada como segunda língua praticada. Para melhor entender esses fenômenos, explanaremos acerca dos conceitos de língua, língua materna, segunda língua, língua estrangeira e bilinguismo.

## 2.4 Conceituando

Ao longo deste capítulo trouxemos dados acerca da língua falada por discentes e pelos pais dos discentes. Mas afinal o que é língua? Para responder essa questão

conceituaremos brevemente a seguir os conceitos de: língua, língua materna ou L1, segunda língua ou L2, língua estrangeira e bilinguismo.

### 2.4.1 Língua

O interesse pela linguagem é muito antigo, remonta dos primórdios das civilizações e junto com essas civilizações foi evoluindo e segue em transformação até os dias atuais.

O conceito sobre o que vem a ser língua não é consensual, existem dúvidas acerca do que seria a “correta” definição do que é língua. A certeza que possuímos é que a língua é uma das principais ferramentas de comunicação e interação dos seres humanos. Para Saussure apud Fiorin “A língua é uma parte essencial da linguagem; é um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos”. (2003,p.11)

Porém o binômio linguagem/língua possui um outro elemento, que é a fala:

O conjunto linguagem-língua contém ainda um outro elemento, conforme Saussure, a fala. A fala é um ato individual; resulta das combinações feitas pelo sujeito falante utilizando o código da língua; expressa-se pelos mecanismos psicofísicos (atos de fonação) necessários à produção dessas combinações.

Conforme Grosjean apud Gonçalves, “a língua é mais do que um simples instrumento de comunicação, pois indica a identidade de um grupo, um símbolo”. (2013, p. 205)

A língua se considerada como um instrumento de comunicação ou símbolo de um grupo faz parte das atitudes e valores que o grupo faz para com esta língua. Por isso, o indivíduo bilíngue não pode ser visto como a soma de dois monolíngues, sim como um indivíduo que possui a configuração linguística específica de um falante-ouvinte que utiliza suas línguas até onde tem condições conforme suas necessidades e as do ambiente. (GONÇALVES, 2013)

Podemos concluir que a língua é a ferramenta mais completa da linguagem, é principalmente através da língua que ocorre a interação entre os indivíduos, porém ao mesmo tempo que a língua une e agrega, a língua segrega e exclui.

### 2.4.2 Língua Materna ou L1, Segunda Língua ou L2 e Língua Estrangeira

Sobre L1 nos fala Almeida Filho:

Uma língua 1 (L1) serve para comunicação ampla desde a casa, passando pela rua até a escola e os meios culturais. É a língua em que se constitui a identidade pessoal, regional, étnica e cultural de uma pessoa. Toda L1 se manifesta por meio de um dialeto (uma variante regional, muitas vezes combinada com traços étnicos e de classe social). (2008, p.80).

Ao refletirmos sobre o conceito de Língua Materna ou L1, num primeiro momento a associamos a língua falada no país em que nascemos, é esse o primeiro indicador de pertencimento a um determinado grupo regional. Porém, esse conceito não pode ser aplicado nas regiões de fronteira, pois nessas localidades ocorre inevitavelmente a circulação de mais de uma língua e de indivíduos de mais de uma nação.

Considerando as palavras do autor que nos diz que a L1 serve para a comunicação no ambiente familiar, podemos considerar que, um indivíduo que seja filho de pai colombiano e



mãe brasileira que utiliza em seu contexto familiar os dois idiomas para se comunicar com seus pais possui duas Línguas Maternas (11). Tal situação é comum em regiões de fronteira direta. Sobre esse pensamento nos fala Karen Pupp Spinassé:

A aquisição da Primeira Língua, ou da Língua Materna, é uma parte integrante da formação do conhecimento de mundo do indivíduo, pois junto à competência linguística se adquirem também os valores pessoais e sociais. A Língua Materna caracteriza, geralmente, a origem e é usada, na maioria das vezes, no dia-a-dia. A Língua Materna, ou a Primeira Língua (L1) não é, necessariamente, a língua da mãe, nem a primeira língua que se aprende. Tão pouco trata-se de apenas uma só língua. Normalmente é a língua que aprendemos primeiro e em casa, através dos pais, também é frequentemente a língua da comunidade. Entretanto, muitos outros aspectos linguísticos e não-linguísticos estão ligados à definição. A língua dos pais pode não ser a língua da comunidade, e, ao aprender as duas, o indivíduo passa a ter mais de uma L1 (caso de bilinguismo). (2006, p.5)

Ao que se refere o conceito de Segunda Língua nos fala Almeida Filho: “Uma L2 é uma língua não-materna que se sobrepõe a outra(s) que não circula(m) socialmente em setores ou instituições ou que circulam com restrições.” (2008, p.10). Ou seja, segunda língua é uma língua não-materna, uma língua estrangeira, que está ativa na realidade local de uma região, e que sobrepõe uma língua considerada “inferior” a de maior circulação no meio social a que está inserida. Um exemplo prático do conceito de segunda língua é quando a Língua Portuguesa é inserida nas comunidades indígenas, quando obrigamos nossos discentes a tomarem como língua padrão a língua portuguesa, sobrepondo assim a língua indígena materna a qual foram inseridas em seu convívio social e cultural.

A ausência de inserção na realidade local que difere o conceito de Segunda Língua e Língua estrangeira:

Do contrário, no processo de aprendizado de uma LE não se estabelece um contato tão grande ou tão intenso com a mesma. A grande diferença é que a LE não serve necessariamente à comunicação e, a partir disso, não é fundamental para a integração, enquanto a SL desempenha um papel até mesmo vital numa sociedade. (SPINASSÉ. 2006, p.6)

Se tomarmos como parâmetro o município de Tabatinga para exemplificar o conceito de Língua Estrangeira (LE), podemos citar a Língua Inglesa, que circula no município apenas quando há turistas oriundos de países que utilizam esse idioma. Existe a circulação do inglês, porém não existe necessidade de utilização para a interação social dos indivíduos da região.

Podemos concluir com base nesses conceitos que no município de Tabatinga a Língua Espanhola para os seus habitantes desempenhará um papel de Segunda Língua, pelo fato de estar diretamente ligada a realidade da sociedade local, por conta do contato direto presente no cotidiano dos munícipes, ocasionado pela fronteira direta com a Colômbia e o Peru, do mesmo modo ocorre com as línguas indígenas, que tem suas comunidades fronteiriças ou até mesmo pertencentes dos limites do município.

Podemos concluir ainda que os discentes filhos de hispano-falantes ou indígenas que em seu contexto familiar utilizam a língua espanhola ou indígena, não possuem uma Segunda Língua e sim mais de uma Língua Materna, ou seja, são Bilíngues. Discentes que apresentam essas características formam público-alvo da segunda fase de nossa pesquisa.

### 2.4.3 Bilinguismo

O termo bilinguismo é utilizado como forma de identificação a sujeitos que utilizam mais de uma língua para se comunicar, ou comunidades que utilizem mais de um idioma. Por esse motivo, embora sejam considerados duas classificações de bilinguismo: o bilinguismo societal e o bilinguismo do indivíduo. Não há como separar suas definições. Segundo Gonçalves (2013) existe no mundo cerca de 200 países e mais de 5 mil línguas, logo é inevitável a existência de contato linguístico. Por isso podemos citar diversos países nos quais sua comunidade está constituída o bilinguismo societal, um clássico exemplo é o Canadá, seus habitantes falam tanto o francês como o inglês. No Brasil, é inegável a existência de comunidades bilíngues, formadas com a chegada de imigrantes europeus, como é o caso da cidade gaúcha de Caxias do Sul que utiliza o português/italiano. Existe, também, outro tipo de bilinguismo, o que é formado nas regiões de fronteira, seus habitantes têm contato com as línguas faladas nos países limítrofes, esse tipo de interação é facilmente perceptível nas cidades gêmeas, como é o caso de Tabatinga – BR e Leticia – CO.

Sobre os indivíduos bilíngues existem algumas concepções teóricas, Bloomfield (1933) afirma que são considerados bilíngues os indivíduos que falem como nativos o par de idiomas ao qual tem contato. Já para Appel & Muysken (1996), são considerados bilíngues todo aquele que domine em qualquer grau uma das quatro habilidades da segunda língua (falar, entender, ler e escrever), e que sua comunicação se dê através da alternância entre as duas línguas, de acordo com as necessidades que possua.

Para este trabalho consideraremos a definição de Appel & Muysken (1996), por entender que sua definição contemple a realidade linguística existente na fronteira de Tabatinga – BR e Leticia – CO. Ressaltamos que as comunidades bilíngues não produzem apenas falantes bilíngues, há indivíduos monolíngues nessas comunidades.

### 3 ATORES FRONTEIRIÇOS

A terceira fase da pesquisa realizada com os discentes do integrado, consistia inicialmente em uma entrevista semiestruturada a ser realizada na Biblioteca do *Campus* Tabatinga, com discentes que possuíssem como característica utilizar mais de uma língua, tanto português/espanhol como o português/língua indígena e, também discentes oriundos de outras regiões do Brasil. O intuito principal era verificar o que eles pensam acerca do tema preconceito linguístico, verificar se eles consideram que sofrem preconceito linguístico, além de analisar a percepção que eles possuem acerca da escola perante essas questões. Justificamos a biblioteca como local da pesquisa por se tratar de um dos locais mais frequentados pelos discentes, se não o mais frequentado, após a sala de aula e, por ser o local de trabalho da pesquisadora o que possibilitou na vivência laboral a realização das primeiras observações.

Para esta fase da pesquisa foram escolhidos oito discentes, porém ao tentarmos realizar a entrevista não obtivemos êxito, pois os discentes se inibiam ao lidarem com a situação de uma entrevista. Percebemos que a conversa transcorria de modo fluido quando perdia a caracterização de entrevista formal. Para atribuir o valor científico aos dados coletados, foi acordado com os discentes que seriam realizadas anotações dos temas pertinentes a pesquisa, quando estes surgissem nos momentos de conversa com a pesquisadora, o que possibilitou a construção de um caderno de campo, do qual foi possível transcrever as falas obtidas durante o período de realização da pesquisa. O caderno de campo é o espaço onde colocamos o aspecto pessoal da experiência vivenciada diretamente em campo, os possíveis problemas ocorridos com o grupo pesquisado, as dificuldades de acesso a determinados temas e assuntos e conversas realizadas. (Rocha e Eckert *apud* PINTO & GUAZZELLI, 2008)

A dificuldade de realização de entrevistas que inicialmente caracterizou um entrave, se tornou um fator positivo, pois acabou sendo criada uma ligação de confiança entre os discentes entrevistados e a pesquisadora, fazendo com que eles se sentissem mais confiantes para expressarem suas opiniões. Ressaltamos que todos assinaram termo de consentimento livre e esclarecido para participar desta pesquisa e, que para a preservação da identidade dos discentes seus nomes serão substituídos por nomes fictícios.

Como vimos anteriormente a faixa etária dos discentes do integrado está compreendida entre os 13 e 20 anos, o que faz com que os sujeitos desta pesquisa sejam adolescentes, ao mesmo tempo que são um público acessível, ganhar sua confiança a ponto de expressem sem receios suas opiniões particulares acerca de temas que permeiam diretamente sua vida familiar e social é uma tarefa que requer cuidado e tato.

O local de trabalho da pesquisadora dentro do IFAM - *campus* Tabatinga era a biblioteca e este é um local bastante frequentado pelos discentes, pelos mais diversos motivos (da pesquisa acadêmica ao se “esconder de uma aula”), de modo geral o contato com os discentes se dá naturalmente.

A escolha dos sujeitos dessa fase da pesquisa ocorreu de duas maneiras:

Três discentes participam da pesquisa desde a elaboração do projeto no ano de 2014, atualmente eles cursam o 3º ano. O que chamou a atenção deles como possíveis sujeitos para a pesquisa é o fato de se tratar de um grupo de três colegas da mesma turma de origem sociocultural distinta, formado por 1 carioca, 1 brasileiro/colombiano e 1 tikuna, e que possuem grande afinidade. A partir da observação desse grupo de alunos surgiu o interesse em estudar como se dão as interações entre discentes do *campus* Tabatinga, considerando a situação fronteiriça na qual está inserida a escola e, conseqüentemente a presença de alunos oriundos de diferentes locais, culturas e línguas dentro do contexto escolar.

Os outros quatro discentes foram convidados a participar da pesquisa após observações realizadas no transcurso da pesquisa. A aproximação com eles ocorreu de diferentes modos.

Dois discentes iniciaram em 2015/1, porém ficaram retidos e cursam atualmente o 1º ano pela segunda vez. São eles Otílio e Jéssica.

A aproximação com Otílio se deu em uma aula na qual o professor levou a turma dele para que realizassem uma pesquisa na biblioteca em abril de 2016, observamos que Otílio estava isolado do grupo, nos aproximamos para que fosse prestado o auxílio que se fizesse necessário. O aluno estava com dificuldade em criar um endereço de e-mail, quando questionado sobre o por que ele estava distante do grupo de colegas ele afirmou que não gostavam de fazer trabalho com ele e, que ele também aprendia mais sozinho. Ele fez questão que seu endereço de e-mail fosse composto pelo seu nome acrescido da palavra tikuna, foi notado naquele momento uma necessidade autoafirmação, daquele momento em diante, sempre que necessário Otílio voltou a biblioteca e solicitou ajuda, a partir daí houve a abertura para convidá-lo a participar da pesquisa.

Jéssica foi uma aluna citada por diferentes professores por segundo eles, possuem dificuldade em trabalhar com ela, por ela não dominar o português, o que dificultava o emprego de instrumentos avaliativos. A aluna sempre foi bastante reservada, mesmo aceitando participar da pesquisa, suas opiniões sempre se caracterizavam por uma certa indiferença. Fomos informados que a aluna evadiu antes da conclusão do 1º semestre letivo de 2016.

Duas discentes ingressaram em 2016/1 e cursam o 1º ano. São elas Dayse e Maria José.

Maria José e Dayse desde o início do ano letivo de 2016 começaram a frequentar assiduamente o ambiente da biblioteca, e sempre buscando livros das áreas técnicas. O que chamou a atenção foi o fato das duas sempre se comunicarem apenas utilizando a língua espanhola e, essa foi a ferramenta de aproximação, pois a pesquisadora também fala o idioma e ao conversar com as discentes em espanhol ocorreu abertura ao diálogo.

Realizaremos uma breve apresentação dos discentes:

- Henrique: 17 anos, aluno do 3º ano.

Natural do Rio de Janeiro, Henrique veio para Tabatinga em ocasião da transferência do pai que é militar da marinha do Brasil. Morou em Tabatinga por três anos (2013-2015). Henrique participou da pesquisa desde a elaboração do projeto, qualificação e coleta de dados para a dissertação. Seu pai foi transferido novamente no final de 2015, atualmente Henrique mora novamente no Rio de Janeiro.

- Mateus: 18 anos, aluno do 3º ano do curso técnico integrado em Informática.

Ele é natural da comunidade indígena de Filadélfia, que faz parte do município de Benjamin Constant. É indígena da etnia tikuna e bilíngue (português/tikuna). Foi alfabetizado em português e sempre estudou em escolas que utilizam a língua portuguesa, porém em sua casa se comunica nas duas línguas, pois sua mãe fala apenas língua tikuna e seu pai embora saiba a língua portuguesa no convívio familiar somente utiliza a língua indígena. Mateus participa da pesquisa desde a fase de elaboração do projeto, a aproximação ocorreu naturalmente, pois o discente e seu grupo de colegas mais próximos são frequentadores assíduos do espaço da biblioteca.

- Tales: 17 anos, aluno do 3º ano do curso técnico integrado em Informática.

Tales nasceu em Letícia – Colômbia, possui documentos brasileiros e colombianos, e consequentemente dupla nacionalidade, mas se considera brasileiro. Sua mãe é brasileira e seu pai colombiano, estudou até a alfabetização na Colômbia e o ensino fundamental cursou no Brasil. Ele é bilíngue, em casa utiliza o português para se comunicar com a mãe e o espanhol para se comunicar com o pai. Também participa da pesquisa desde o seu início.

- Otílio: 30 anos, aluno do 1º ano do curso técnico integrado em meio ambiente.

É indígena da etnia tikuna, natural da comunidade indígena do Umariacú II, que está localizada na área do município de Tabatinga. Primeiramente aprendeu a língua tikuna, na qual foi alfabetizado, seu contato com o português ocorreu a partir dos 10 anos.

- Jéssica: 22 anos, aluna do 1º ano do curso técnico integrado em Meio Ambiente.

Jéssica é tikuna da comunidade Filadélfia, que faz parte do município de Benjamin Constant. Embora alfabetizada em português, Jéssica possui o tikuna como língua materna, sendo até hoje a língua que mais utiliza em seu convívio familiar.

- Dayse: 14 anos, aluna do 1º ano do curso técnico em Agropecuária.

Dayse é nascida em Tabatinga, porém seus pais são peruanos, possui documentos brasileiros, peruanos e colombianos, logo possui as três nacionalidades. Foi alfabetizada em português e teve toda sua vida escolar no Brasil, porém não utiliza a língua portuguesa como ferramenta de comunicação oral, ou seja, fala apenas espanhol.

- Maria Júlia: 15 anos, aluna do 1º ano do curso técnico em Agropecuária.

Ela é natural de Tabatinga, filha de pais colombianos, possui documentos brasileiros e colombianos e mora em Letícia - Colômbia. Foi alfabetizada na Colômbia onde cursou as séries iniciais, o ensino fundamental cursou concomitantemente no Brasil e na Colômbia (prática comumente adotada), pela manhã estudava em Tabatinga – Brasil e a tarde em Letícia – Colômbia. Embora tenha parte de sua vida escolar no Brasil, Maria Júlia também se comunica utilizando apenas a língua espanhola.

Como comentamos anteriormente tivemos dificuldade em realizar entrevistas, as falas que serão transcritas a seguir foram obtidas em conversas anotadas em caderno de campo ao longo do ano letivo de 2015 e 1º semestre de 2016. Para melhor organização dos dados, dividiremos as informações coletadas em três categorias: Identidade Nacional, Língua, Preconceito Linguístico.

### 3.1 Identidade Nacional

Se analisarmos as sociedades historicamente, as relações de identidade se constituíam inicialmente considerando a proximidade. Nos primórdios locomoção dos indivíduos entre territórios era precária e a comunicação difícil. Ocasionalmente assim, que a identidade do sujeito fosse determinada pela localidade de seu nascimento, não sendo considerados outros aspectos.

A “sociedade”, entendida como a maior totalidade de coabitação humana (se é que elas pensavam nesses termos), era igual à vizinhança adjacente. [...] No interior dessa rede de familiaridade do berço ao túmulo, o lugar de cada pessoa era evidente demais para ser avaliado, que dirá negociado (BAUMAN, apud BRAZ. 2010, p. 15).

Com o passar do tempo, mecanização e modernização dos meios de comunicação e transporte, o conceito de identidade deixou de ser relacionado exclusivamente com o local de nascimento, passando a ser tarefa do sujeito declarar sua identidade. “Não sendo mais dada de uma vez por todas, a identidade passou a ser representada constantemente pela auto identificação. Mas a tarefa de se representarem a si mesmos, que agora cabia aos próprios sujeitos, era clara e bem definida: um membro da burguesia, por exemplo, nunca seria confundido com um indivíduo de outra classe”. (BRAZ. 2008, P. 16)

Com a chegada da globalização ocasionada pelo desenvolvimento de tecnologias, as sociedades saíram definitivamente do isolamento. A questão identitária tornou-se uma problemática a ser analisada.

A constituição da identidade se dá em parte pela noção de pertencimento a uma determinada nação, partilhando de sua história, cultura e língua oficial. Considerando como

pontos em comum com os outros sujeitos pertencentes a mesma nacionalidade, gostos e ideais coletivos, ao considerar-se de uma nacionalidade o indivíduo sinaliza aos demais a que lugar do mundo ele pertence, e os ideais coletivos defende, desde a soberania de sua nação a torcida ferrenha em um jogo de futebol da copa do mundo. “As identidades não estão literalmente impressas em nossos genes. Entretanto, nós efetivamente pensamos nelas como se fossem parte de nossa natureza essencial [...] as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação” (HALL apud Braz. 2008 p. 18).

Durante os diálogos um dos questionamentos feito aos discentes foi de qual nacionalidade eles se consideram. Percebemos que as respostas obtidas nem sempre equivalem ao efetivo local de nascimento ou a apenas um país. Como podemos ver a seguir:

Tales, como informado anteriormente, nasceu na Colômbia, porém possui dupla nacionalidade, ao questionarmos qual sua identidade nacional ele respondeu:

*- Sou brasileiro, só que também sou colombiano, não dá pra ser só um ou outro, primeiro por que ia arrumar confusão lá em casa, mamãe é do Brasil e papai é da Colômbia, eu tenho documentos dos dois e pra ser sincero eu também gosto dos dois e me sinto dos dois. Até por que, tem horas que é mais legal ser brasileiro, e tem horas que é mais legal ser colombiano. Tipo ser colombiano é legal, por que todo mundo acha que a gente tem dinheiro e dá uma moral ser estrangeiro, mas ser brasileiro é bom por que no Brasil tem mais riqueza e oportunidade mesmo com os problemas. E no futebol quando joga os dois, nunca perco por que torço pra quem ganha.*

Otílio embora nascido em solo brasileiro, afirma:

*- Sou tikuna e em segundo lugar brasileiro. Tikuna é minha nação primeira, e o Brasil sou também, mas primeiro tikuna.*

Dayse considera:

*- Nací acá en Tabatinga, luego soy brasilera. Sí, primeiramente me considero brasilera, mismo hablando el español, pero al tiempo me siento peruana por mis papás y por mis parientes que son peruanos. Mi mamá me tuvo acá por poseer una mejor estructura y para lograr los papeles, pues en Brasil hay mas oportunidad, mismo con la crisis. Mis hermanos mayores hacen universidad en el Paraná, mi hermana ya está en el pósgrado. Lo que he percibido es que la gente de acá no aprovecha las ventajas que tiene. Y al final tengo papeles de Colômbia, también soy colombiana. Pero si me toca elegir apenas uno, soy brasilera.*

Para Maria Júlia:

*- Yo soy colombiana en mi corazón, mismo nascendo acá y teniendo los papeles de brasilera, mi familia y cultura es colombiana, igual existen muchas diferencias entre nosotros. La ciudadanía brasileira es solamente para facilitar el ingreso en las instituciones de educación de acá (Brasil), principalmente en la universidad, que son mejores que las de nosotros, a parte que son grátis. Cuando estoy acá soy brasilera, pero de corazón siempre será colombiana.*

Somos criados construindo de modo abstrato a ideia do que é ser brasileiro, colombiano ou peruano, por exemplo. Essa ideia transcende o pensamento que uma nação é apenas um território com fronteiras, unido por uma língua. Percebemos que para esses discentes ser de uma nação está atrelado a questões de identificação emocional e cultural, em vez de territorial, já que os territórios se confundem e a nacionalidade juramentada através de documentos também por vezes é relativa, dependendo dos interesses familiares ou individuais. Para Hall *apud* Santos:

As identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação. [...] Segue-se que a nação

não é apenas uma identidade política, mas algo que produz sentidos - um sistema de representação cultural. As pessoas não são apenas cidadãos/ãs legais de uma nação; elas participam da ideia da nação tal como representada em sua cultura nacional. (2008, p.9)

Os Estados como uma das ferramentas de manutenção de sua soberania buscam implantar sistemas de representação cultural, através da criação de símbolos e histórias nacionais, visando uma identificação por parte dos indivíduos, realizando assim um controle identitário.

Hall (apud Braz. 2008, p.17) argumenta que a cultura nacional é uma estrutura de poder cultural, pois: a) a grande maioria das nações foi sempre composta de diferentes culturas unificadas apenas a partir de um longo e violento processo de dominação; b) as nações são sempre compostas de diferentes classes sociais, diferentes etnias e gênero; c) sendo anteriormente centros imperiais ou neoimperiais, as nações exerceram seu poder hegemônico, silenciando as demais culturas dos povos colonizados. Segue-se que essa tarefa de invenção das identidades nacionais foi também legitimada através da coerção.

Uma das ferramentas utilizadas pelas nações para fomentar a identidade nacional e o controle identitário é a língua.

Para Berenblum (apud Braz.2008, p.18), na formação desses Estados, foi necessário inventar tradições e símbolos nacionais e se utilizar da máquina administrativa [...] com o fim de difundir uma imagem de “nação” que possibilitasse o sentimento de adesão e sentimento de lealdade a ela. Nesse sentido, essa identificação implicava uma homogeneização e padronização de seus habitantes, a qual foi possível, em parte, mediante a implementação das línguas nacionais.

A subordinação dos habitantes de uma determinada nação é possibilitada pela construção da identidade dos seus sujeitos. Outro mecanismo de construção de identidade nacional é a exclusão, que faz o indivíduo pertencer a este e não àquele lugar.

“Cabia ao Estado a tarefa de traçar, impor e policiar a fronteira entre “nós” e “eles”. O “pertencimento” teria perdido o seu brilho e o seu poder de sedução, junto com a sua função integradora, disciplinadora, se não fosse constantemente seletivo nem alimentado e revigorado pela ameaça e prática da exclusão.” (Bauman apud Braz. 2008, p.19)

Porém as ferramentas de construção de identidade perdem efetividade em regiões de fronteira direta. Isso é perceptível nos depoimentos de nossos atores, a linha de fronteira que divide no mapa os três países, não é capaz de impedir a convivência e interferências entre as culturas do Brasil – Colômbia – Peru em Tabatinga. Assim, podemos concluir que o sentimento de identificação nacional na fronteira não é imposto, ele é escolhido.

### 3.2 Língua

Levando em consideração que vivemos em um país de dimensões continentais, que tem sua população constituída pela miscigenação de diversos povos e raças, não podemos ignorar a pluralidade cultural e étnica que caracteriza nosso país. Seguindo essa linha de raciocínio, não podemos considerar que em um país com essas singularidades exista uma homogeneidade linguística, podemos então verificar que no Brasil possuímos uma imensa variedade linguística. Sobre essa diversidade Marcos Bagno afirma:

O fato é que, como a ciência a linguística moderna já provou e comprovou, não existe nenhuma língua no mundo que seja “una”, uniforme e homogênea. O monolinguismo é uma ficção. Toda e qualquer língua humana viva é, intrinsecamente e inevitavelmente heterogênea, ou seja, apresenta variação em todos os seus níveis estruturais (fonologia, morfologia, sintaxe, léxico, etc.) e em todos os seus níveis de uso social (variação regional, social, etária, estilística etc. (2013, p. 27-28).

Podemos vislumbrar vividamente essa diversidade nas regiões de fronteira como Tabatinga (Amazonas/Brasil), que como vimos no capítulo I, está situado em uma região de tríplice fronteira com Letícia (Amazonas/Colômbia) e Santa Rosa (Loreto/Peru), visto que entre esses municípios as barreiras geográficas são mínimas, há, assim, um livre trânsito entre esses três municípios/países. Por consequência, os laços matrimoniais entre brasileiros, colombianos e peruanos, as relações culturais e comerciais, fazem dessa região um lugar com uma diversidade cultural e linguística peculiar.

O município de Tabatinga também sofre influência linguística e cultural de outras regiões do Brasil, ocasionada pela presença das forças armadas e órgãos públicos federais que movimentam um tráfego constante de militares das forças armadas e servidores públicos das esferas municipal, estadual e federal, oriundos das mais diversas regiões do Brasil. Ressaltamos que indivíduos não podem ser categorizados como pertencentes a um grupo cultural apenas pela língua, seria o mesmo que dizer que colombianos e peruanos são do mesmo grupo cultural, pelo fato de os dois países serem falantes do espanhol. Assim como não podemos considerar que amazonenses e paraenses fazem parte do mesmo grupo cultural, embora os estados do Amazonas e Pará, mesmo fazendo parte do mesmo país e da mesma região, é perceptível a diferença de tradições e hábitos.

Segundo Santos (2008, p.8) a língua falada por um povo pode ser considerada um dos seus patrimônios mais preciosos, podendo nos mostrar como é construído e refletido um grupo social. É por intermédio da língua que ocorre a preservação e disseminação de uma cultura, bem como se dão as relações de dominação e poder. Por meio da língua, um sujeito pode construir seu lugar na sociedade, como também pode por ela ser excluído. A língua é uma das marcas características de identidade nacional de um povo. A consciência do que seja identidade nacional não é algo inato, esse conceito é formulado dentro de suas representações.

Levando em consideração os argumentos retro mencionados, questionamos os discentes se eles têm a língua como um fator de definição da identidade nacional. Obtivemos as seguintes falas:

Henrique:

*- A língua pra mim não define quem a pessoa é, mas diz muito do que a gente é. Tipo o índio (Mateus) ele é o índio por conta do jeito que ele fala né, do mesmo jeito que todo mundo sabe que eu sou carioca pelo jeito que eu falo, eu falo assim por que eu sou do Rio e nem é me achando e tal, por mais que um pessoal ache isso. Mas isso varia, o peruano (Tales), ele não parece que fala espanhol, assim quando ele fala português sai bem igual brasileiro, nem dá pra perceber que ele fala espanhol; por isso que só a língua da pessoa não define, não no caso do peruano, a gente só sabe da parte dele colombiana se ele contar. Assim como tem indígena que não fala atravessado.*

Tales:

*- Eu acho que a língua diferencia os povos e tal, mas com exceções, tipo aqui (Tabatinga-Letícia) tem exceções. A gente percebe que a Avenida da Amizade virou Avenida Internacional quando as placas começam a estar em espanhol e a gente inicialmente sabe que um cara não é brasileiro quando ele fala espanhol. Só, que varia, tipo, meu irmão mais novo estudou só aqui em Tabatinga, o papai entende o português e como ele trabalha muito e*



*tal não dá muito tempo dele ensinar pro meu irmão, e aí ele só sabe falar português, mas nem por isso ele deixa de ser colombiano também.*

*Com os indígenas isso é mais forte, assim a gente normalmente percebe quando eles são, se bem que eles também são brasileiros, por falar tikuna eles não deixam de ser brasileiros. A língua identifica os povos, mas como na língua portuguesa essa regra tem exceção*

*Mateus:*

*- Eu vejo a língua como uma ferramenta, um meio de comunicação. Eu não deixo de ser indígena se começar a falar só o português; assim como não deixaria de ser brasileiro se eu fosse morar fora e começasse a falar só o inglês. Essa parada de identidade é algo bem amplo, são muitas coisas envolvidas, vai mais do que eu acredito e sigo, do que só as línguas.*

*Otílio:*

*- Eu sou tikuna primeiro, e meu língua tikuna fala e faz eu ser tikuna. Mas eu sou brasileiro por que ser no Brasil o Umariáçu. Mas primeiro ser tikuna. O tikuna de verdade vai falar tikuna e falar português por que precisamos aprender com vocês pra melhorar nossa comunidade.*

*Jéssica:*

*- Eu acho que o jeito de falar da pessoa dá pra saber o que ela é. Eu sou tikuna e dá pra perceber pelo meu jeito. Assim como os peruanos dá pra saber pelo jeito deles e os de fora também.*

*Dayse:*

*- Pues yo creo que una cosa indenpende de la outra. Soy brasilera, me siento de acá, vivi toda mi vida acá, mismo hablando en español, escribo en portugués y no en español. El español utilizo por ser lo que hablamos en la casa, por que mis padres son peruanos. No tuve problemas en la escuela por eso, corrigiendo, no habia tenido, en el IFAM me toca esforzar para hablar el portugués por que los maestros que son afuera (outros estados brasileiros) no me comprenden, pero he conseguido y estoy aprendiendo.*

*Maria Júlia:*

*- Yo creo que la lengua es un fator agregador pero no es el que determina la identidad nacional de alguien, yo hablo español por ser de colombia, aunque mi sitio de nacimiento sea Tabatinga, y por mi familia, pero escribo en portugués y me estoy esforzando para aprender a hablar el portugués por el estudio. Por ejemplo, hay personas como yo que son nascidas en Tabatinga que no hablan portugués, como hay personas que nascen en Peru que viven acá que no hablan español pero se consideran peruanos. Es que acá en la frontera las reglas cambian, pero no es posible ignorar esa realidad. Supongo que pase cosas así en otras fronteras.*

Após as falas dos discentes podemos verificar que nas fronteiras a relação da identificação pátria com a língua é algo relativo, não podendo ser um conceito generalizado, o que corrobora com a ideia de que a identificação nacional é uma escolha com base na afinidade construída em seu meio social.

Vimos que para Jéssica e Otílio a língua está fortemente atrelada a identificação nacional, porém é notório que também é uma demonstração da necessidade de se auto afirmarem perante aos demais.

Para os demais a relação entre as línguas faladas e a sua identidade nacional não está relacionada diretamente.

### 3.3 Preconceito Linguístico

Vivemos em uma geração na qual uma das palavras de ordem é o combate a todo e qualquer tipo de preconceito, existe uma busca em mostrar que os vários tipos de preconceito não têm fundamento racional, nem justificativas que o respalde, o preconceito é fruto da ignorância, da intolerância ou mesmo da manipulação ideológica impetrada por alguns. Porém esse combate não tem atingido de modo eficaz um dos tipos de preconceitos mais comum e antigo existente: o preconceito linguístico. Ao contrário, nos deparamos com a alimentação diária deste tipo de preconceito nos diversos veículos de comunicação, desde os programas de televisão, rádio, nos jornais e revistas, nos livros que buscam padronizar e determinar o que é o “certo” ou “errado” em se falar. Porém o mais alarmante é a alimentação deste tipo de preconceito nos instrumentos de ensino da língua que são os livros didáticos e, conseqüentemente, no ambiente escolar. (BAGNO, 2013)

O preconceito linguístico é um dos mais poderosos tipos de preconceitos existentes, pois ele costuma passar despercebido. São poucos os educadores e estudiosos que o reconhecem a existência deste tipo de preconceito, sua gravidade e as conseqüências ocasionadas. Não é reconhecida a gravidade do problema social ocasionado pelo preconceito linguístico. E quando um problema não é reconhecido, nenhuma atitude é tomada em busca de sua resolução. (BAGNO, 2013)

Existe a crença da existência de uma unidade linguística no Brasil, e ela é tão forte que intelectuais de renome se deixam enganar por essa crença. Um exemplo citado por Marcos Bagno foi o de Darcy Ribeiro, que escreveu no dia 5 de fevereiro de 1995 na Folha de São Paulo:

É de assinalar que, apesar de feitos pela fusão de matrizes tão diferenciadas, os brasileiros são, hoje, um dos povos mais homogêneos linguística e culturalmente e também um dos mais integrados socialmente da Terra. Falam uma mesma língua, sem dialetos. (Bagno apud Ribeiro)

É comprovado pelas ciências linguísticas modernas a inexistência de uma língua que seja completamente una e homogênea na Terra. As línguas humanas vivas, são inevitavelmente heterogêneas, apresentando variações nos níveis estruturais e de uso social, essa última é caracterizada pelas variações sociais, regionais, etárias, estilísticas e etc. (BAGNO, 2013)

Esse mito de unidade linguística causa sérios danos à educação, pois quando não se reconhece a diversidade da língua portuguesa falada no Brasil, a escola acaba por impor a norma padrão como se fosse a língua falada pelos mais de 190 milhões de brasileiros, sem levar em consideração fatores como: idade, origem geográfica, situação social e econômica e grau de escolarização. É negado o caráter multilíngue do país, onde são faladas mais de 200 línguas diferentes, estas compreendendo línguas indígenas, as línguas que surgiram das situações de contato nas zonas de fronteira, as línguas trazidas pelos imigrantes estrangeiros, dentre outras. É verdade que a língua falada pela grande maioria dos brasileiros é a língua portuguesa, porém essa língua apresenta uma grande quantidade de variações e um alto grau de diversidade, ocasionado pela grande extensão territorial do país e principalmente pela trágica realidade de injustiças sociais existentes. (BAGNO, 2013)

O tema preconceito linguístico foi um dos principais temas abordados durante a pesquisa, sobre ele:

Henrique

*- Assim o preconceito pra mim é você excluir alguém, e preconceito linguístico rola muito aqui no IFAM, o pessoal que mais sofre são os indígenas, por que com eles não rola só a zoação da galera e tal, o pessoal também exclui eles dos trabalhos de aula, principalmente*

*os que não falam direito o português e nem escrevem direito, aí o pessoal não quer fazer com eles os trabalhos pra não tirar nota baixa. Com o pessoal que fala espanhol rola a zoação entre a gente e tal, igual com os de fora que tem sotaque tipo eu, eu acho engraçado que vocês do norte tem maior “sotaquezão” e vive dizendo que não tem. Eu sou da bagunça mesmo, então eu nem ligo. Os “cara antes pegavam ar”, logo no primeiro ano, o peruano e o índio não curtiam não, mas hoje eles tão de boa, é maneiro ter um diferencial.*

**Mateus**

*- Assim como tem gente de lugares diferentes e de línguas diferentes, acontece por parte dos que não tem o que fazer e ficam “mangando” de quem fala diferente. Comigo é de boa, eu falo o português até bacana e escrevo normal, as vezes dou umas atravessadas, mas normal. Agora os tikunas que não falam direito mesmo aí é pesado, por que o pessoal meio que exclui e eles também meio que se isolam. O povo branco não quer fazer trabalho com eles por que eles têm mais dificuldade e a nota é menor, e eles (tikuna) não fazem questão também, e fica por isso, inclusive falam mal de gente como eu. Por que eu sou tikuna, mas curto rock, reggae, ando com os meninos e aí por isso falam que eu quero ser branco e nem é. Eu não deixo de ser tikuna por que curto meu som e falo com todo mundo. Pelo menos também não fico falando em gíria (língua tikuna) detonando ou outros. Por que os tikuna também não se esforçam pra se unir e interagir com os outros, ou desistem de cara e se fazem de coitadinhos. Tinha que ter alguém pra tipo negociar essa aproximação.*

**Tales**

*- Assim, na nossa sala rola mais zoação, bullying que o preconceito mesmo. No primeiro ano eu não gostava quando me chamavam de peruano, primeiro por que eu não sou peruano e sim colombiano, e segundo por que quando chamam de peruano e tal é tipo querendo dizer que tu vende lá na feira ou que é feio. Não tô dizendo que acho isso e tal, mas é meio que o que querem dizer. Hoje não ligo. Rola mais assim nas turmas que tem mais índios que não manjam o português bem ou os que falam espanhol e não falam português. Tem uma moçada assim.*

**Otílio**

*- Eu não ligo pra isso não, vim pra cá estudar e aprender. Faço meus trabalhos com meus colegas tikunas ou sozinho. Cada um é o que é, isso deve ser respeitado.*

**Jéssica**

*- Eu acho que sim acontece, por que não respeitam as diferença. Mas igual isso não importa, eu fico no meu canto e pronto. Falo assim não certo por que sou indígena, mas vim pra cá pra aprender e eu tento.*

**Dayse**

*- La cuestión del preconcepto existe, de hecho lo que a mi me dá mucha rabia es que creen que por que uno habla español tiene que escribir español. Eso no es obligatorio, yo hablo en español pero sólo escribo en portugués, la gente no comprende eso, saco mejores notas en portugués que muchos compañeros que hablan el idioma. En los otros colégios no era necesario hablar portugués por que me comprendían normal, aparte que en las escuelas estatales de acá hay muchos más colombianos que en el Ifam, incluso los profesores ya están acostumbrados. Acá por los profesores de afuera me há tocado esforzar para comunicarme en portugués para que me comprendan mejor. Percibo una dificultad más grande por mis compañeros que son indígenas, por que no hablan bien y tampoco escriben, terminan muchas veces aislados de los demás.*

**Maria Júlia**

*- Pues creo que en parte si, no es en totalidad, hay gente respetuosa como hay gente que no respeta; el brasilero en general es muy recochero y es chevere, ustedes son alegres, pero lo malo es que se pasan de la raya, todo se convierte en motivo de broma. A veces una broma mal hecha hiere y cambia de por vida alguien, ni todos tiene el coraje de ir*

*al CGAE a quejarse, y acá sólo hacen algo cuando uno se queja. Yo no me importo y igual casi no me molestan, pero he visto compañeros que son muy mal tratados por esa de ser peruano o indígena, los indígenas por su forma de hablar. Lo que me parece raro es que yo si hablo portugués suele raro, pues hablo español y es normal, no molestan tanto. Pero cuando un indígena habla raro molestan mucho más. Eso no debería suceder.*

Quando tratamos da postura da instituição perante o preconceito linguístico, obtivemos o seguinte relato:

Henrique

*- Assim quando pegam a gente zoando o colega e tal eles brigam, ou se for demais levam pro CGAE (Coordenação Geral de Apoio ao Educando) e lá falam que não é pra fazer isso, mas isso é mais quando é tipo bullying. Agora com o preconceito linguístico não fazem nada diretamente. Na moral, tem professor que tem preconceito, que não tem paciência, principalmente com os indígenas tem colega aí que só tira nota baixa por que não escreve bem o português na prova. Não são todos, mas alguns não tão nem aí. Pronto falei.*

Mateus:

*- Eu vejo que a maioria dos nossos professores não está pronto pra lidar com a gente que é indígena, assim eu não tenho problemas, sou melhor que muito branco nas matérias. Mas tem colegas que tem mais dificuldade tanto pra se expressar falando como pra escrever, quando chegam nesses casos tem professor que não sabe o que fazer. Principalmente os que são de fora, não é culpa deles na maioria das vezes, mas tem uns que a gente percebe que não tá nem aí, ou faz daquele jeito que ele espera ou tira zero. Enfim, deveria existir um plano pra que todos possamos ter as mesmas oportunidades de aprender e passar de ano.*

Tales

*- O IFAM pega mais no nosso pé por conta de comportamento e tal, mas assim não existe nada específico pra isso do preconceito. Deve existir algum curso, alguma coisa pra ensinar a trabalhar os conteúdos de jeitos diferentes, medir se a gente aprendeu sem ser pelo seminário ou prova. Nem todo mundo aprende pelo mesmo jeito, os colegas que tem dificuldade com a língua deveriam ter uma atenção especial, por que se não eles vão passar por aqui e não vão aprender.*

Otílio

*- O preconceito existe em todo lugar e com o índio é tudo mais difícil, por isso nós tem que se unir e lutar pra conseguir coisas melhores pra nós. Aprender pra chegar no comunidade e ensinar pros outros.*

Jéssica

*- Bagunçam pelo jeito de falar que gente tem, mas é só não ligar e pronto. O que eu acho ruim é quando eu não consigo mostrar que eu entendi com palavras do jeito que o professor quer que faça. Ai por isso também reprovei ano passado.*

Dayse:

*- Lo que corresponde a mí una forma de preconcepto al cual me toca lidiar es el hecho de que no sé escribir bien en español. Mis compañeros y la profesora no comprende que el hecho que yo hable el español no significa que yo lo escriba. Siempre estudié acá y no habia tenido la necesidad de hablar en portugués por que todo el mundo aquí comprende español. Pues aquí en el IFAM algunos profesores no comprenden y me estoy esforzando para hablar. El problema es cuando el profesor de español quiere que yo obligatoriamente sepa la gramática del español. El habla y la gramática no tienen nada que ver, de mis compañeros que hablan el portugués la gran mayoría no escribe bien, yo escribo mejor que ellos, y ellos utilizan el portugués para hablar. Por qué es difícil entender que yo no soy experta en la*

*gramática del español. Eso me aburre en casi todas las clases de español, por que creen que yo me hago de boba para no ayudarlos.*

Maria Júlia

*- Personalmente no tengo grandes problemas, a veces lo que pasa acá en el IFAM es que uno se pasa por creydo por hablar sólo en español, principalmente cuando compartimos entre los que somos colombianos y los demás que hablan en español. Sencillamente nos gusta, nos parece más cómodo hablar el español, me esfuerzo para hablar en portugués por mis profesores, pero a parte de eso no. Creo que debe ser respetada la opción de habla de cada quién. Sobre los demás veo que falta tacto con los que son indígenas e no escriben bien el portugués correcto o que no lo hablan bien, me imagino que el IFAM como institución puede hacer algo por ellos, principalmente enseñar a los demás a respetar la forma de ser y comunicar de cada uno.*

Com as falas de nossos atores linguísticos pudemos perceber que o preconceito linguístico é presente, mas que ele é ignorado e, isso acaba sendo mais um fator gerador de desistências, reprovações e dificuldades de aprendizagem. Os mais prejudicados são os alunos indígenas, isso foi claramente ressaltado nas falas.

Devemos buscar mecanismos para que o preconceito linguístico entre os discentes seja superado, porém principalmente nós educadores deveríamos refletir sobre o tema e pensar nossas práticas através de uma perspectiva que permitamos que o convívio escolar perpassa as questões identitárias, para tomar uma postura comunitária, na qual a escola seja um dispositivo de construção de um coletivo onde exista a possibilidade de entendimento, aceitação, crescimento, acolhimento que vai além de raízes culturais.

#### 4 POR UMA ESCOLA VERDADEIRAMENTE MULTICULTURAL

A Declaração Universal dos Direitos Humanos foi escrita para nos garantir o direito de igualdade de oportunidades, mas também com o intuito de nos permitir o direito a diferença.

Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direito. Toda a pessoa tem a capacidade de gozar seus direitos independentemente de sua raça, cor, sexo, língua, religião, origem nacional ou social, ou mesmo qualquer outra condição. (Declaração Universal dos Direitos Humanos)

O questionamento que fazemos é: o que exatamente é o diferente? Esse questionamento é confrontado por André (2012) que afirma que o padrão normativo comumente utilizado é o indivíduo europeu, do sexo masculino, proveniente de uma classe social elevada. Considerando este padrão ocidental, se de algum modo não somos assemelhados a ele, somos considerados diferentes. Embora não exista uma hierarquia cultural, não existe cultura melhor que a outra, é factível a existência constante de uma “hierarquia individual”, o que não deveria ocorrer.

Como citado anteriormente um dos acontecimentos que suscitou a ideia deste trabalho foi a dificuldade externada pelos docentes do *Campus* - Tabatinga em trabalhar com alunos indígenas. Scott *apud* André (2012) nos fala, que se costuma acabar considerando que o outro pelo simples fato de ser diferente de mim ele não tem as mesmas condições de desenvolver suas habilidades intelectuais. Não se pode confundir diferença com deficiência, não há nenhuma ligação entre etnicidade, gênero ou raça e capacidade intelectual ou profissional.

Segundo Munaga (2004), quando consideramos as características físicas ou biológicas de uma comunidade como determinantes para características intelectuais ou morais, estamos tendenciando ao racismo. Uma diferença não pode ser pressuposta como fator de inferioridade intelectual ou de aprendizagem. O que deveríamos buscar são ferramentas e métodos de trabalho de acordo com as particularidades de cada indivíduo.

A sociedade brasileira é fruto de um processo de colonização realizado por diversos povos, que ao longo da história deixaram como herança sua cultura, fazendo com que umas das principais características do Brasil seja justamente sua diversidade cultural. Esta diversidade possibilita a existência de vários tipos de brasileiros e diversas identidades nacionais, como foi possível comprovar através das falas dos nossos atores fronteiriços.

Porém, a escola caminha no sentido oposto, para Moreira e Candau (2008) a escola ainda possui uma visão monocultural e etnocêntrica, essa postura dificulta a interação dos grupos sociais e também a relação ensino-aprendizagem, pois o ensino é pensado apenas para um grupo, o outro, o diferente, acaba sendo esquecido. Isso ocorre por que escola pública atual é herdeira da escola do século XIX, que tinha entre suas finalidades a de criar uma nação única, minimizando ou até mesmo anulando as diferenças entre os cidadãos, que perante a lei são considerados iguais. Como resultado disso a igualdade tornou-se equiparada a homogeneidade. Encarregada de homogeneizar, essa escola anulava as diferenças de suas crianças, desconsiderando suas origens. Por muito tempo combateu as diferenças de língua e, as diferenças dialetais regionais, sendo esse um dos pilares para o mito que a língua é única (CAUDAU, 2011).

A escola mesmo considerada por muitos, local de racionalidade, ciência e impessoalidade, é também um local vivo que possui cores, cheiros e emoções, onde tudo que existe na vida também existe na escola. (LIMA, 2009)

A escola por seu um local vivo e diverso, devemos considerar a interação e relação dos sujeitos, ao pensarmos sobre o ambiente escolar, pois muitas vezes por relações que não são bem resolvidas a aprendizagem não se concretiza. “O processo educativo não é um processo

que está relacionado apenas ao cognitivo, ao intelectual, mas é um processo que também está ligado ao emocional” (MORIN apud ANDRÉ, 2012, p.24)

O ser humano por sua alta complexidade possui dificuldade em lidar com o outro e é por isso que o processo de ensino-aprendizagem de um aluno é diretamente afetado quando existem problemas na relação professor – aluno ou aluno – aluno. Quando não ocorre o diálogo entre os sujeitos integrantes do ambiente escolar os prejuízos decorrentes são para todas as partes.

A diversidade linguística e cultural presente no ambiente escolar poderia ser vista com aceitação. A aceitação se dá através da compreensão e do respeito. Maturana *apud* André afirma:

As diferenças no ambiente escolar deveriam ser vistas a partir do prisma de aceitação do outro como legítimo na convivência, e não como um outro inferior reduzido, silenciado, e com poucas oportunidades. Entender as diferenças com base nessa premissa permitiria à escola repensar suas ações, seus projetos de formação e direcionar melhor suas estratégias de aprendizagem. (2012, p.24)

No capítulo anterior vimos depoimentos de alunos acerca do preconceito linguístico e, percebemos nos relatos a afirmação da existência de preconceito decorrente das diferenças linguísticas e culturais. Esse tipo de preconceito fomenta a exclusão e, essa exclusão traz consigo prejuízos a aprendizagem. É difícil conviver com o novo, com o diferente, porém se a escola trabalhar o convívio respeitoso entre os indivíduos de modo igualitário, as diferenças serão diminuídas, assim como a exclusão de determinados indivíduos pertencentes a grupos que no ambiente escolar são minoritários.

Segundo Perrenoud (2004), ao considerarmos as diferenças existentes no ambiente escolar, devemos tomar cuidado para que elas não venham a se transformar em desigualdades. Estas desigualdades podem ser impulsionadas pelas escolas a partir do modo de tratar a diversidade de seus alunos.” [...] a fonte da desigualdade não se encontra apenas nas diferenças entre as crianças, mas também no status conferido pela escola a essas diferenças e ao tratamento que lhes reserva” (PERRENOUD apud ANDRÉ, 2012, p. 26).

A escola deve ser um local onde é fomentada todas as formas de inclusão. A escola é considerada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais um espaço privilegiado para o fomento da igualdade e erradicação de toda e qualquer de preconceito e discriminação. Quando as escolas trabalham o respeito as diferenças, conseqüentemente as diversidades presentes são respeitadas e valorizadas, pois vai se construindo nos discentes uma visão mais receptiva ao próximo. O ser humano tem necessidade de ser aceito, somos seres que necessitamos do outro. Se as características linguísticas e culturais são ridicularizadas dentro de um grupo social, o indivíduo termina por negatar sua própria imagem (FREIRE, 2004).

O multiculturalismo é sim é um conceito complexo passível de diversas interpretações e conceitos, por isso é necessário definir qual conceito (s) de multiculturalismo devem ser trabalhados nas escolas. Mostraremos a seguir algumas definições segundo Candau (2009):

- Multiculturalismo Assimilacionista: reconhece a presença de grupos culturais na sociedade, porém esses grupos não possuem oportunidades igualitárias e acabam assumindo um comportamento igual ao grupo dominante. A sociedade americana é um exemplo deste multiculturalismo.

- Multiculturalismo Diferencialista: reconhece as diferenças culturais, oportuniza a expressão dos diferentes grupos, mas sem que haja a interação destes grupos, ocorre um isolamento. É um multiculturalismo onde cada grupo tem seu espaço e nele permanece.

- Multiculturalismo crítico e pós modernizado: não paralisa as diferenças e a construção das identidades, mas considera as identidades múltiplas como pilar das sociedades que estão em constantes transformações.

- Multiculturalismo Aberto: é a proposta da autora que busca a promoção de uma educação que reconheça as diferenças do outro, para que ocorra o diálogo entre os diferentes grupos sociais e culturais, para uma negociação cultural. Ainda temos a proposta de McLaren (1997), que é a do multiculturalismo revolucionário, que perpassa as mudanças de atitude, lutando pelo reconhecimento e uma reconstrução social a partir do ponto de vista do oprimido.

A partir desses conceitos poderíamos pensar numa forma de reconhecer e trabalhar com as diferenças culturais e linguísticas existentes no ambiente escolar e, assim construir uma escola que seja verdadeiramente multicultural, que combata a discriminação e o preconceito e que reestruture as bases sociais, políticas e culturais. Isso poderia ser feito se utilizássemos os preceitos do multiculturalismo aberto e do revolucionário e também o multiculturalismo crítico e pós – moderno. É necessário incorporar nos currículos escolares e as práticas pedagógicas as representações das identidades múltiplas. (CANDAU, 2011)

O Brasil atualmente não dispõe um modelo de multiculturalismo, pois carecemos de estratégias e políticas para administrar os problemas gerados pelas sociedades multiculturais (HALL apud ANDRÉ, 2012). Caberia a escola identificar dentro de seu público as diversidades culturais e linguísticas existentes, para buscar estratégias efetivas de combate à exclusão e discriminação.



## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou analisar a diversidade linguística e o preconceito linguístico através do olhar do discente do IFAM – *Campus* Tabatinga, que como podemos perceber é vítima deste tipo de preconceito. Comprovamos na prática que o preconceito linguístico é silencioso. O mais grave disso tudo é quando nós educadores, na maioria das vezes, não refletimos a respeito, ou simplesmente fechamos nossos olhos para a realidade diante de nós, e ao fecharmos nossos olhos nos omitimos.

Sabemos que ocorrem dificuldades de ensino - aprendizagem, estas decorrentes da nossa imperícia em lidar com diversidade cultural e linguística existente em sala de aula, e isso se acentua em regiões de fronteira como Tabatinga. Sugerimos que sejam realizados estudos mais aprofundados acerca de preconceito linguístico na escola e, principalmente, que se busquem alternativas para que possamos extinguir este problema.

Consideramos como possíveis caminhos para buscar a melhoria do ensino – aprendizagem, considerarmos a dimensão cultural dos discentes, como nos diz Candau “Ter presente a dimensão cultural é imprescindível para potencializar processos de aprendizagem mais significativos e produtivos para todos os alunos e alunas.” (2011, p. 242). As práticas pedagógicas da escola devem ser pensadas para trabalhar com a diversidade existente, não só as linguísticas ou culturais, a diversidade deve ser vista como um fator positivo para a aprendizagem.

Nem a diversidade negada, nem a diversidade isolada, nem a diversidade simplesmente tolerada. Também não se trata da diversidade assumida como um mal necessário ou celebrada como um bem em si mesmo, sem assumir seu próprio dramatismo. Transformar a diversidade conhecida e reconhecida em uma vantagem pedagógica: este me parece ser o grande desafio do futuro. (CANDAU, 2011, p. 243)

As diferenças existentes acabam sendo atreladas as dificuldades de aprendizagem, como consequência a diferença é “considerada um problema que deve ser superado”, esse pensamento é reforçado pela tendência homogeneizadora, que é uma característica arraigada culturalmente nas escolas. A escola tem como papel dar condições a um patamar de igualdade aos discentes (não homogeneidade), porém o que acaba ocorrendo é uma não busca por essa igualdade.

A escola ao buscar reconhecer as diferenças presentes no seu público discentes, sejam elas culturais, linguísticas ou sociais, deve fazer uso dessas diferenças como instrumento de empoderamento e fortalecimento identitário aos discentes. Para que isso ocorra é necessário fazer uso de diferentes ferramentas pedagógicas e didáticas, mas acima de tudo do diálogo, esse que deve combater toda e qualquer forma de discriminação e preconceito.

A escola está bem distante do ponto em que a diferença existente será transformada em uma vantagem pedagógica para a aprendizagem, o IFAM - *campus* Tabatinga, como instituição de ensino também está longe deste objetivo. Porém nós profissionais da educação devemos nos desafiar a lograr alcançar este objetivo, saindo das discussões teóricas e partindo para ações afim de mudar a realidade encontrada.

Finalmente, que nós educadores possamos conhecer mais nosso discente e, assumir nosso papel de agente de transformação, para que cada vez menos alunos sejam prejudicados por ideias preconceituosas como: ele não fala como a “maioria”, ele não é capaz, ele não aprende; quem nasce ou vem de determinado lugar é melhor e aprende mais do que quem nasce ou vem de outro.

Este trabalho é apenas um passo de muitos que precisam ser dados, abordamos a temática da diversidade e preconceito linguístico sob a perspectiva dos discentes, buscamos que eles falassem sobre suas vivências e impressões acerca da diversidade existente. O próximo passo é buscar que a instituição seja consciente da diversidade existente nas regiões de fronteira e nas salas de aula, e que ela pense suas práticas pedagógicas pensando nessa diversidade, que após discussões sejam colocados em prática mecanismos para que os docentes trabalhem a diversidade encontrada em sala de aula, transformando – a num fator positivo a aprendizagem.

Docentes e técnicos administrativos devem ser convidados a refletir sobre o meio social em que o IFAM – *Campus* Tabatinga está inserido, que mais encontros pedagógicos e discussões sejam realizados, porém que as discussões se tornem ações. Consideramos que uma das primeiras ações pertinentes seria o reconhecer as especificidades de cada indivíduo e que mesmo o coletivo formado por uma turma é único. Esse seria um grande passo.

Principalmente que como educadores e cidadãos possamos combater toda e qualquer forma de preconceito, afinal não nascemos preconceituosos, nos tornamos.

## 6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRÉ, Bianka Pires. **Um multiculturalismo à brasileira: a importância do reconhecimento das diferenças e da diversidade cultural no ambiente escolar**. In: Retta. Seropédica, v. III, n. 6, p. 21-32, julho/dez, 2012.

Appel, René; Muysken, Piter. **Bilingüismo y contacto de lenguas**. Barcelona: Ariel. 1996.  
BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: O que é, como se faz**. São Paulo. Edições Loyola, 2013.

BARBOSA, E. F. **Instrumentos de coleta de dados em pesquisas educacionais**. Educativa, out. 1998.

BRASIL. Portaria nº 125, de 21 de março de 2014. Estabelece o conceito de cidades-gêmeas nacionais, os critérios adotados para esta definição e lista todas as cidades brasileiras por estado que se enquadram nesta condição. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, 26 jul. 2000. Disponível em: <http://www.in.gov.br>. Acesso em: 11 set. 2016.

\_\_\_\_\_. Ministério da Integração Nacional. **Bases para uma proposta de desenvolvimento e integração da faixa de fronteira**. Disponível em: <<http://www.mi.gov.br/web/guest/comissao-permanente-para-o-desenvolvimento-e-a-integracao-da-faixa-de-fronteira>> Acesso em: 12 set. 2016.

BRAZ, Evódia de Souza. **Línguas e Identidades em Contexto de Fronteira Brasil / Venezuela**. Dissertação de Mestrado. Departamento de Linguística Aplicada. UNICAMP. 2010.

BÜHRING, Marcia Andrea. **(Re) Definição de fronteira(s) e cidades gêmeas: Brasil e Uruguai: XXIV Congresso Nacional do CONPEDI - UFMG/FUMEC/Dom Helder Câmara - Direito Internacional**. Florianópolis: CONPEDI, 2015. Disponível em: <[www.conpedi.org.br](http://www.conpedi.org.br) em publicações>. Acesso em: 05 de julho de 2016.

DEPARTAMENTO DEL AMAZONAS, **Informe de Coyuntura Economica Regional - Trimestre I**. Leticia: Banco de la República. 2001.

EUZÉBIO, Emerson Flávio. **Fronteira e Horizontalidade na Amazônia: As Cidades Gêmeas de Tabatinga (Brasil) e Leticia (Colômbia)**. Dissertação de Mestrado. Departamento de Geografia, USP, 2011.

FACHIN, Odília. **Fundamentos de Metodologia**. São Paulo. Saraiva, 2006.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FILHO, José Carlos P. Almeida. **O Ensino de Português como Língua Não-Materna: Concepções e Contextos de Ensino.** 2008. Disponível em: <[http://www.museudalinguaportuguesa.org.br/files/mlp/texto\\_4.pdf](http://www.museudalinguaportuguesa.org.br/files/mlp/texto_4.pdf)>. Acesso em: 18 nov. 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 2004.

GERHARDT, T.E, SILVEIRA, D.T. **Métodos de pesquisa.** Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e SEAD/UFRGS. - Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GONÇALVES, Dania Pinto. Aspectos do bilinguismo societal no comércio da fronteira uruguaia-brasileira. In: **PAPIA.** São Paulo, v. 23, n. 2, p. 201-221, julho/dez, 2013.

LIMA, A.C.G OLIVEIRA, L.F. LINS, M.R.F (orgs). **Diálogos interculturais, currículo e educação: experiências e pesquisas antirracistas com crianças na educação básica.** Rio de Janeiro: Quartet: FAPERJ, 2009.

MACHADO, Lia Osório. Limites, fronteiras, redes. In: STROHAECKER, Tânia et al. (Org.). **Fronteiras e espaço global.** Porto Alegre: Associação dos Geógrafos Brasileiros – secção Porto Alegre, 1998.

MACLAREN, Peter. (1997). **A vida nas escolas: uma introdução à pedagogia crítica nos fundamentos da educação.** Porto Alegre: Artes Médicas, 353 p.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. V. **Fundamentos de metodologia científica.** 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MELLO, Maria S.V.N. **De escola de aprendizes artífices a Instituto Federal do de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas: Cem anos de História.** Manaus Editora. 2009.

MOREIRA, A.F. e CANDAU, V.M. **Indagações sobre currículo: currículo, conhecimento e cultura.** Brasília: Ministério da Educação, Secretária de Educação Básica, 2008.

MUNAGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia.** Cadernos PENESB, nº 5. Niterói, Universidade Federal Fluminense, 2004.

ONU. **Declaração Universal dos Direitos Humanos.** 1948.

PERRENOUD, Phillippe. **Os ciclos da aprendizagem. Um caminho para combater o fracasso escolar.** Porto Alegre. Artmed, 2004.

PETTER, Margarida. Linguagem, língua, Lingüística. In: FIORIN, José Luiz (org.). **Introdução à Linguística: I. objetos teóricos.** São Paulo. Editora Contexto. 2003.

QUELUZ, Gilson Leandro. **Concepções de Ensino Técnico na República Velha. Estudo dos casos da Escola de Aprendizes Artífices do Paraná, do Instituto Técnico Profissional**

**de Porto Alegre e o serviço de remodelação 1909 e 1930. 2000.** (Doutorado em Educação) – PUC. São Paulo. 2000.

ROCHA, A. L. C.; ECKERT, C. Etnografia: Saberes e práticas. 2008 *apud* PINTO, C. R. J.; GUAZZELLI, C. A. B. **Ciências Humanas: pesquisa e método.** Porto Alegre: editora da Universidade, 2008.

SANTOS, Glaucia Felismino. Contato Linguístico na região de fronteira Brasil/Uruguai: A entoação dialetal em enunciados assertivos e interrogativos do Português e do Espanhol. **Dissertação de mestrado.** Rio de Janeiro, RJ: UFRJ, 2008.

SPINASSÉ, Karen Pupp. **Os conceitos Língua Materna, Segunda Língua e Língua Estrangeira e os falantes de línguas alóctones minoritárias no Sul do Brasil.** Revista Contingentia, 2006, Vol. 1, novembro 2006, p. 01–10 Disponível em: < [www.revistacontingentia.com](http://www.revistacontingentia.com)>. Acesso em: 28 nov. 2014.

STEIMAN, Rebeca. **A Geografia das cidades de fronteira: um estudo de caso de Tabatinga (Brasil) e Leticia (Colômbia).** Dissertação de Mestrado. Departamentos de Geografia, UFRJ, 2002.

## **7 APÊNDICE**

## Apêndice 1

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO**  
**INSTITUTO DE AGRONOMIA**  
**PROGRAMA DE PÓS – GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Prezado (a) participante:

Sou Iara Vanessa Mafra Bichara, auxiliar de biblioteca do Instituto federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas – IFAM – *Campus* Tabatinga, estudante do curso de mestrado na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Instituto de Agronomia – programa de Pós Graduação em Educação Agrícola – PPGA. Estou realizando uma pesquisa sob a orientação da professora Dra. Rosa Cristina Monteiro, cujo objetivo é investigar se a diversidade de línguas faladas pelos alunos interfere na aprendizagem.

Sua participação envolve um questionário, que será preenchido se assim você concordar.

A participação nesse estudo é voluntária e se você decidir não participar ou se quiser desistir de continuar em qualquer momento, tem absoluta liberdade em fazê-lo.

Na publicação dos resultados desta pesquisa, sua identidade será mantida no mais rigoroso sigilo. Serão omitidas todas as informações que permitam identificá-lo.

Mesmo não tendo benefícios diretos em participar, indiretamente você estará contribuindo para a compreensão do fenômeno estudado e para a produção do conhecimento científico.

Quaisquer dúvidas relativas à pesquisa poderão ser esclarecidas pela pesquisadora, no telefone XXXXXXXXXX.

Atenciosamente,

---

Iara Vanessa Mafra Bichara

<p>Eu, _____, matrícula nº _____ declaro ter sido informado e concordo em participar, como voluntário na pesquisa acima descrita. <b>Roteiro de Questionário com os discentes do Integrado do IFAM – Campus Tabatinga</b></p>
<p>1. Qual é o seu gênero? (1) Masculino (2) Feminino</p>
<p>2. Qual a sua idade?</p>
<p>3. Em qual cidade, estado e país você nasceu?</p>
<p>4. Qual a nacionalidade de seus pais? Qual(is) idioma(s) é (são) falado(s) na sua casa?</p>
<p>5. Antes do IFAM em que escola você estudou? Em que cidade e país está localizada essa escola?</p>
<p>6. Você aprendeu a ler e escrever em que idioma(s) e com que idade?</p>
<p>7. Sabe falar ou ler e escrever em mais de um idioma? Qual?</p>
<p>8. Você se considera de qual nacionalidade? Se considerar que possui mais de uma, quais são?</p>



